

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

JORGE WILLIAN PEDROSO

**MORFOSSINTAXE DA NEGAÇÃO EM JAPONÊS: UMA
ABORDAGEM NÃO LEXICALISTA**

Dissertação de Mestrado

Orientadora: Professor Doutora Ana Paula Scher

São Paulo - SP

2023

JORGE WILLIAN PEDROSO

**MORFOSSINTAXE DA NEGAÇÃO EM JAPONÊS: UMA
ABORDAGEM NÃO LEXICALISTA**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Professora Doutora Ana Paula Scher

São Paulo - SP

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Pedroso, Jorge Willian
P372m Morfossintaxe da negação em Japonês: uma abordagem não
lexicalista / Jorge Willian Pedroso ; orientadora Ana Paula
Scher - São Paulo, 2023.
70 p.
Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Linguística. Área de concentração:
Semiótica e Linguística Geral.
1. Morfologia. 2. Morfossintaxe. 3. Negação. 4. Japonês. I.
Scher, Ana Paula, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

JORGE WILLIAN PEDROSO

MORFOSSINTAXE DA NEGAÇÃO EM JAPONÊS: UMA ABORDAGEM NÃO LEXICALISTA

Dissertação aprovada em ___/___/___ pela Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Filomena S. Sândalo (titular)	Instituição: UNICAMP
Julgamento:	Assinatura:
Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza (titular)	Instituição: USP - FFLCH
Julgamento:	Assinatura:
Prof. Dr. Victor A. de Nóbrega (titular)	Instituição: USP - IB
Julgamento:	Assinatura:
Profa. Dra. Indaiá de S. Bassani (suplente)	Instituição: UNIFESP
Julgamento:	Assinatura:
Prof. Dr. João Paulo L. Cyrino (suplente)	Instituição: UFBA
Julgamento:	Assinatura:
Profa. Dra. Luciana R. Storto (suplente)	Instituição: USP
Julgamento:	Assinatura:

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora, a Professora Doutora Ana Paula Scher, por ter me cativado com seus ensinamentos. Foram sua dedicação ao ensino e à pesquisa que abriram caminhos inimagináveis na minha trajetória acadêmica. Obrigado por ter aceitado me orientar. Obrigado pelo seu carinho, pela compreensão e por sempre estar disposta a escutar e dar apoio. Foi um período de imenso aprendizado e eu não poderia ter tido uma companhia melhor que a sua. Além de ser o meu maior exemplo de pesquisadora e educadora, você é um exemplo de resiliência. Apesar das dificuldades e obstáculos que enfrentei, sua serenidade e apoio foram imprescindíveis no desenvolvimento deste trabalho que, sem você, não teria sido possível.

Agradeço aos meus amigos que são minha família por escolha. À Renata por ter me protegido. Ao João Albano por ter me ensinado tanto e por Cuiabá! Ao Adrian, meu irmão, pela cumplicidade, pelo vínculo infindável que nos conecta e pelo Japão. Ao Carlos Filho por todo o carinho e cuidado que me foram tão necessários e por Fortaleza. Ao Pedro Henrique pela conexão inefável que construímos e por Minas Gerais, mas também todo o Universo. Ao Caio Rossoni por me dizer umas verdades, por sempre se importar e pelo maravilhoso Rio de Janeiro. Ao Cassio José pelas brigas, pela criatividade e pelo Pará. Ao Eduardo Correia pela inocência, pelas risadas mais gostosas e por San Andreas. Ao Lucas Paixão pelas doses de loucura e por Belém. À Natália Amorim pela calma, tranquilidade e por Maceió. Ao Rafael Nantes pela saudade, pelos cafés, pela geladeira na sala, pelos carnavais e festas, e também por Ilha Comprida.

Agradeço ao Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída (GREMD), coordenado pela Professora Doutora Ana Paula Scher, e a todos os seus integrantes pelas valiosas discussões.

Agradeço à Professora Doutora Filomena Sândalo e ao Professor Doutor Victor Nóbrega por terem aceitado participar do meu exame de qualificação e pelos comentários extremamente pertinentes e imprescindíveis que fizeram. E agradeço à Professora Doutora Filomena Sândalo, ao Professor Doutor Paulo Chagas e ao Professor Doutor Victor Nóbrega por aceitarem fazer parte da minha banca de mestrado.

Por fim, agradeço ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e a todos os seus integrantes por ter me acolhido ao longo dessa pesquisa. Agradeço também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro concedido a mim (processo 155703), essencial para o desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

PEDROSO, J. W. **Morfossintaxe da negação em Japonês: uma abordagem não lexicalista**. 2023. 100 p. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

O presente trabalho trata da morfossintaxe da negação em japonês, que será observada no contexto do que é denominado pela literatura linguística do japonês como predicado morfologicamente complexo (cf. Miyagawa, 1980; Kageyama; Kishimoto, 2016). Por enquanto esta pesquisa está focada em predicados negativos não formais (e.g. *kaku* ‘escrever’; *kak-anai* ‘**não** escreve’; *taberu* ‘comer’; *tabe-nai* ‘**não** come’), deixando para desenvolvimentos futuros os predicados negativos formais (e.g. *kakimase-n* ‘**não** escreve’; *tabemase-n* ‘**não** come’). Nosso objetivo é revisitar as análises tradicionais sobre a formação desses predicados morfologicamente complexos que contenham o marcador de negação sentencial e propor uma alternativa de análise com uma abordagem não lexicalista. Seguindo os trabalhos de Shibata (2015), Kobayashi e Fujita (2016) e Kishimoto e Uehara (2016), proporemos uma análise baseada no arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (cf. Halle; Marantz 1993, 1994; Embick; Noyer, 2001, 2007). Sendo a Morfologia Distribuída uma teoria realizacional, em nossa proposta de análise, assumiremos que o expoente fonológico *-(a)na-* é inserido pós-sintaticamente no nó terminal sintático do marcador de negação do japonês. Assumimos que esse marcador de negação é um elemento funcional que não é composto por uma raiz e um categorizador. Isto é, o núcleo da projeção NegP, uma categoria funcional que comporá o predicado verbal morfologicamente complexo negado, é realizado pelo expoente fonológico *-(a)na-*. Com essa assunção, refletimos o que se observa empiricamente, ou seja, que esses predicados verbais negados não se comportam como adjetivos. Com isso, colocamos em questão o caráter adjetival que é comumente atribuído ao marcador de negação sentencial do japonês na literatura tradicional sobre o tema, literatura essa em que o marcador seria um item lexical adjetival.

Palavras-chave: Negação; Predicado Morfologicamente Complexo; Morfologia Distribuída.

ABSTRACT

PEDROSO, J. W. **Morphosyntax of the Japanese negation: a non-lexicalist approach**. 2023. 100 p. Dissertation (Master's Degree) — Faculty of Philosophy, Languages, and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2023.

The present study deals with the morphosyntax of negation in Japanese, which will be examined in the context of what is referred to in the Japanese linguistic literature as morphologically complex predicates (cf. Miyagawa, 1980; Kageyama; Kishimoto, 2016). Currently, this research focuses on non-polite negative predicates (e.g., *kaku* 'write'; *kak-anai* 'does not write'; *taberu* 'eat'; *tabe-nai* 'does not eat'), leaving the polite negative predicates (e.g., *kakimase-n* 'does not write'; *tabemase-n* 'does not eat') for future developments. Our objective is to revisit the traditional analyses of the formation of these morphologically complex predicates that contain the negative marker and propose an alternative analysis within a non-lexicalist approach. Following the works of Shibata (2015), Kobayashi and Fujita (2016), and Kishimoto and Uehara (2016), we will propose an analysis based on the realizational theoretical framework of Distributed Morphology (cf. Halle; Marantz 1993, 1994; Embick; Noyer, 2001, 2007). In our proposed analysis we assume that the phonological exponent *-(a)na-* is inserted post-syntactically into the syntactic terminal node of the Japanese negation. We assume that the negative marker is a functional element that is not composed of a root and a categorizer. In other words, the core of the NegP projection, a functional category that will compose the morphologically complex negative verbal predicate, is realized by the phonological exponent *-(a)na-*. With this assumption, we reflect what is empirically observed, namely, that these negative verbal predicates do not behave like adjectives as assumed by many scholars before. Thus, we question the adjectival nature that is commonly attributed to the Japanese negative marker in the traditional literature on the subject in which the negative marker is considered to be a lexical adjectival item.

Keywords: Negation; Morphologically Complex Predicate; Distributed Morphology.

LISTA DE ABREVIACÕES

SÍMBOLOS

-	segmentação de morfemas
.	fronteira de sílaba ou separador de elementos metalinguísticos nas glosas
:	segmentação informal de elementos metalinguísticos nas glosas
/.../	encerra fonemas ou representação fonêmica
=>	regras gerativas ('torna-se no curso da derivação')

TERMOS GRAMATICAIS

A	adjetivo	NEG	negação
ACC	acusativo	NMNL	nominal
ACOP	cópula adjetival	PASS	passivo
ADN	adnominal	PAST	passado
CAUS	causativo	PERF	perfectivo
CLF	classificador	POT	potencial
COM	comitativo	PRS	presente
CONCL	conclusivo	PROG	progressivo
COP	copula	PROV	provisional
DAT	dativo	Q	interrogativo
EMPH	enfático	STAT	estativo
ETOP	tópico enfático	TOP	tópico
EXCL	exclamatório	V	verbo
FOC	foco		
GEN	genitivo		
GER	gerúndio		
INF	infinitivo		
LOC	locativo		
MPAST	passado modal		
N	nome		
NEC	necessitivo		

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. SOBRE O SISTEMA DE ESCRITA DO JAPONÊS E SUA REALAÇÃO COM A MORFOLOGIA DA LÍNGUA	14
2. ALGUMAS PROPOSTAS ANTERIORES PARA SENTENÇAS NEGATIVAS DO JAPONÊS	33
2.1. Kuno (1980, 1983).....	33
2.2. Takubo (1985).....	35
2.3. Han; Storoshenko; Sakurai (2004).....	38
2.4. Kataoka (2006).....	42
2.5. Kishimoto (2007, 2008)	43
2.6. Breve resumo	47
3. PMCS: PROPOSTAS NA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA.....	49
3.1. A Negação e as Interfaces	49
3.2. PMC sem alçamento de Neg	52
4. UMA NOVA PROPOSTA PARA O PMC VERBAL COM O MARCADOR DE NEGAÇÃO.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

INTRODUÇÃO

A língua japonesa é considerada pela literatura linguística uma língua aglutinante (cf.(1)), de estrutura básica sujeito-objeto-verbo (SOV), que marca os argumentos nominais com partículas e que frequentemente cria uma sequência longa de elementos que formam predicados morfológicamente complexos, (PMCs, daqui em diante).

- (1) *Taroo wa Hanako ni koohii o ofisu de mo*
 Taro TOP Hanako DAT café ACC escritório no também
nomanakusaserarenakatta
 beber:NEG:CAUS:CAN:NEG:PAST¹
 lit. ‘O que Taro não pôde causar é que Hanako também não beba café no escritório.’
 (Adaptado de Shibata, 2015, p. 174)²

A formação de PMCs é especialmente interessante para os estudos morfológicos pois apresenta desafios de análise que levantam questionamentos sobre como se dá a formação desses predicados em japonês e sobre os níveis de transparência e interação das interfaces entre fonologia, morfologia, sintaxe e semântica (cf. Miyagawa, 1980; Kageyama; Kishimoto, 2016). Em (1), o PMC *nomanakusaserarenakatta* aparece à direita na sentença e é composto pelo verbo *nomu* ‘beber’ seguido dos marcadores de negação *-na-*, cópula adjetival *-ku-*, causatividade *-sase-*, potencialidade *-rare-*, negação *-na-*, cópula adjetival *-kat-* e passado *-ta*.

O marcador de negação em japonês pode ser expresso pelo item *-nai*³ que possui propriedades flexionais semelhantes às propriedades flexionais de um dos grupos de adjetivos dessa língua. Abaixo, em (2), podemos observar empiricamente os paradigmas flexionais de um adjetivo, *aoi* ‘azul’, e do marcador de negação sentencial *-nai* que acompanha nesse exemplo o verbo *miru* ‘ver’ para negá-lo. (cf. Shibata, 2015; Kobayashi; Fujita, 2016; Kishimoto; Uehara, 2016)

¹ Adotamos aqui o uso dos dois pontos para, nesse momento, nos eximir de representar a segmentação de um elemento da língua que é formal e semanticamente segmentável. (cf. Comrie; Haspelmath; Bickel, 2015)

² *Taroo-wa Hanako-ni koohii-o ofisu-de-mo nom-anaku-sase-(ra)re-nakat-ta*
 Taro-TOP Hanako-DAT coffee- ACCoffice-at-also drink-NEG-CAUSE-CAN-NEG-PAST

lit. ‘What Taro couldn’t cause is that Hanako also doesn’t drink coffee in her office.’ (Shibata, 2015, p. 174)

³ Diferentes autores trataram do marcador de negação do japonês de formas variadas, optando por representá-lo como *-(a)nai*, *-anai*, *-nai*, *-na-*, etc. Devido à profusão de propostas, unificar o uso de apenas uma forma foge ao escopo do presente trabalho. Portanto, chamamos a atenção do leitor para o fato de que ao longo do texto desta dissertação nós nos referiremos ao marcador de negação informalmente como *-nai*, salientando nos exemplos, e onde mais for necessário, as diferentes possibilidades de representação.

- (2) Paradigma flexional do adjetivo *aoi* ‘azul’ e do verbo *miru* ‘ver’ negado com o marcador de negação sentencial *-nai* ⁴

	Adjetivo	Verbo negado
	<u>AO</u> -I ‘azul’	MI- <u>NA</u> -I ‘não ver’
a. Presente indicativo	<u>ao</u> -i ⁵ azul-COP.PRS ⁶ ‘é azul’	mi- <u>na</u> -i ver-NEG-COP.PRS ‘não vê’
b. Passado indicativo	<u>ao</u> - kat -ta azul-COP-PAST ‘era azul’	mi- <u>na</u> - kat -ta ver-NEG-COP-PAST ‘não viu’
c. Provisional	<u>ao</u> - ke -reba azul-COP-COND ‘se for azul’	mi- <u>na</u> - ke -reba ver-NEG-COP-COND ‘se não vir’
d. Gerundivo	<u>ao</u> - ku -te azul-COP-GER ‘azul’	mi- <u>na</u> - ku -te / mi- <u>na</u> -i-de ver-NEG-COP-GER ‘não ver’

(Adaptado de Takezawa, 2016)

Em sua análise sobre o escopo da negação sentencial, Shibata (2015) propõe que a formação dos PMCs do japonês seja morfológica, isto é, pós-sintática, em oposição às propostas que fazem uso do movimento sintático de núcleos. Por sua vez, Kobayashi e Fujita (2016), além de fazerem a mesma reivindicação, atribuem a Neg um traço [+Adjetival] para explicar os padrões flexionais adjetivais na formação do complexo verbal com o marcador de negação. Contudo, Kishimoto e Uehara (2016) sugerem que o marcador de negação sentencial *-nai* sofreu

⁴ Glosas e traduções livres nossas. Chamamos a atenção do leitor para o fato de que os verbos da língua japonesa não apresentam concordância/flexão de número e pessoa. Optamos por utilizar aqui a terceira pessoa do singular.

⁵ (2)a traz uma forma irregular para a cópula, *-i* [PRS]; essa irregularidade é comum na morfologia flexional nas línguas naturais, especialmente no caso de verbos funcionais como a cópula no tempo presente (cf. Nishiyama, 1999).

⁶ Adotamos aqui o uso do ponto para separar elementos metalinguísticos representados por um único item da língua. (cf. Comrie; Haspelmath; Bickel, 2015)

um tipo de gramaticalização, passando a constituir uma categoria funcional através do processo de descategorização; isto é, esse marcador, que era um item lexical independente e pertencente à classe dos adjetivos, passou por um processo de perda do caráter adjetival como item lexical e se tornou um item funcional que reteve o padrão de flexão adjetival.

O nosso objetivo amplo neste trabalho será fazer uso desses trabalhos visando oferecer, utilizando o aparato teórico da Morfologia Distribuída, uma proposta de análise para a formação de PMCs do japonês que contenham o marcador de negação.

Os estudos que se voltaram para o marcador de negação sentencial do japonês buscam respostas concretas para os seguintes questionamentos:

- i) quais são os elementos que compõem a negação sentencial do japonês?
- ii) qual é a categorização ideal desse marcador de acordo com suas características morfossintáticas?
- iii) qual é o domínio sintático da negação do japonês?

Nesta dissertação, exploraremos cada uma dessas questões à luz do aparato teórico da Morfologia Distribuída.

O caráter inovador de nossa proposta está na adoção de um modelo não lexicalista que nos permite explicitar a interface morfologia-fonologia-sintaxe no caso da negação sentencial do japonês. Nossa análise assume que o expoente fonológico *-(a)na-* para o marcador de negação do japonês é um elemento funcional sem raiz (Embick, 2015) que realiza o núcleo da projeção NegP, uma categoria funcional que comporá o PMC verbal negado. E nosso objetivo principal é contribuir para a análise da estrutura sintática do japonês através do estudo do marcador de negação sentencial *-nai*.

Isso dito, os objetivos mais específicos desta dissertação podem ser descritos da seguinte maneira:

- i) Investigar os contextos de inserção do marcador de negação.
- ii) Investigar a relação entre o marcador de negação e o radical do verbo/adjetivo.
- iii) Investigar a relação entre o marcador de negação e o marcador de passado, com a cópula, e com os marcadores de polidez.
- iv) Investigar a aceitabilidade e a agramaticalidade de certas formas negativas.

A dissertação está organizada da seguinte maneira. No capítulo 1, trataremos brevemente do sistema de escrita no japonês e apresentaremos alguns dados para observar questões morfológicas e como a gramática tradicional japonesa trata o marcador de negação em contraponto com o tratamento dado pela linguística moderna. Dedicaremos o capítulo 2 à revisão de algumas propostas lexicalistas de análise sobre o marcador de negação. O capítulo 3 trará algumas análises que foram propostas utilizando modelos não lexicalistas. No capítulo 4, apresentaremos a nossa proposta para o PMC verbal com o marcador de negação. Por fim, traremos as considerações finais da dissertação.

1. SOBRE O SISTEMA DE ESCRITA DO JAPONÊS E SUA REALAÇÃO COM A MORFOLOGIA DA LÍNGUA

Na gramática tradicional japonesa a descrição dos elementos da língua estava restrita pela representação ortográfica do japonês. Escreve-se em japonês, usualmente, combinando *kanji*, caracteres de origem chinesa (para palavras com conteúdo lexical), *hiragana* (para palavras funcionais como partículas, sufixos e terminações flexionais), *katakana* (para empréstimos estrangeiros e elementos miméticos) e, às vezes, alfabeto romano. Esses sistemas são intercambiáveis, isto é, é possível substituir a representação do *kanji*, também chamado de ideograma, por *hiragana* ou *katakana*, também chamados de fonogramas. Essa intercambialidade acarreta duas principais consequências: uma facilitação da leitura fonológica do texto através dos fonogramas; e uma maior dificuldade em depreender o significado de palavras homófonas (que usariam *kanji*, ideogramas, diferentes) e na maior dificuldade de identificar os limites das palavras lexicais *versus* os das palavras funcionais.

Os sistemas de escrita de fonogramas conhecidos como *hiragana* e *katakana* surgiram devido às discrepâncias entre a representação em caracteres chineses e a expressão fonético-fonológica do japonês e são usados para representar uma unidade fonológica que corresponde a um par consoante-vogal na maioria dos fonogramas. No exemplo (3), abaixo, podemos observar esse tipo de representação ortográfica:

(3) ^{たろう}太郎は^{はなこ}花子にコーヒーをオフィスでも^の飲まなくさせられなかった。

Taroo wa Hanako ni koohee o ofisu de mo

Taro TOP Hanako DAT café ACC escritório no também

nomanakuserarenakatta

beber:NEG:CAUSE:CAN:NEG:PAST

‘O que Taro não pôde causar é que Hanako também não beba café no escritório.’

(Adaptado de Shibata, 2015, p. 100)

A frase na primeira linha de (3) segue a convenção ortográfica do japonês de escrever uma sequência ininterrupta de caracteres sino-japoneses e fonogramas dos silabários *hiragana* e *katakana* sem espaço para segmentação de palavras. A segunda linha translitera a frase em

japonês da primeira linha usando a romanização *Kunreishiki*⁷, a terceira linha contém glosas interlineares seguindo a convenção de abreviação de Leipzig⁸ e a última linha é uma tradução livre da frase de exemplo.

Abaixo, no exemplo em (4), utilizamos pontos para representar o limite das moras a fim de ilustrar que cada unidade de mora é escrita com um grafema do silabário, seja ele *hiragana* (sem destaque) ou *katakana* (em negrito). Os itens sublinhados são caracteres sino-japoneses que vêm acompanhados, como se vê acima de cada caractere, dos fonogramas que compõem suas leituras.

(4) Segmentação da primeira linha de (3) em unidades de mora separadas por pontos

た. ろ. う. は. な. こ.
 太郎 は 花子 に コーヒー を オフィス で も.
 TA.RO.O. WA. HA.NA.KO.NI. KO.O.HII. O. O.F(U).I.SU. DE.MO.
 の.
 飲まなくさせられなかつた。
 NO.MA.NA.KU.SA.SE.RA.RE.NA.KA.T.TA

A descrição da língua nas análises propostas por muitos gramáticos do japonês baseia-se na leitura e divisão dos fonogramas. Por esse motivo, se a fronteira entre diferentes morfemas estivesse dentro de uma única mora – geralmente entre a consoante e a vogal que constituem essa mora – era impossível extrair e representar esse morfema. Por exemplo, para o verbo NO.MU ‘beber’ (飲む), a segmentação linguística convencional segmentará a raiz *no-* e a terminação flexional *-mu*. Já a segmentação linguística moderna separará os três primeiros elementos /nom/ (a raiz do verbo) da última vogal /u/, um morfema que marca tempo verbal. (cf. Takezawa, 2016).

A seguir, observaremos alguns dados de PMCs do japonês. Seguindo a divisão proposta por Bloch (1946 *apud* Kishimoto; Uehara, 2016) assumimos que o japonês apresenta dois tipos de verbos, a saber, verbos em que a raiz termina em vogal e verbos em que a raiz termina em consoante. Podemos observar através dos predicados não negativos do japonês em (5).

⁷ Em consonância com as regras gerais de romanização adotadas em livros e artigos que tratam do japonês, adotaremos aqui o sistema *Kunreishiki* de romanização para transliterar palavras e frases japonesas citadas, mas usaremos o sistema *Hepburn* de romanização para transliterar formas convencionais, como substantivos próprios e termos linguísticos técnicos. Exemplos subsequentes serão transliterados separando as unidades que forem relevantes por espaços em oposição a manter a sequência ininterrupta tradicional do japonês.

⁸ As regras da Convenção de Leipzig foram desenvolvidas pelo Departamento de Linguística do Instituto Max Planck de Antropologia Evolucionária em conjunto com o Departamento de Linguística da Universidade de Leipzig. Servem como um conjunto de convenções às quais os linguistas possam referir para fazer glosas. (cf. Comrie; Haspelmath; Bickel, 2015)

- | | |
|-----------------------|----------------|
| (5) a. <i>tabe-ru</i> | (食.べ.る) |
| “comer-PRS” | lit. “come” |
| b. <i>kak-u</i> | (書.く) |
| “escrever-PRS” | lit. “escreve” |

As raízes terminadas em vogal sempre terminam nas vogais /i/ ou /e/ e serão concatenadas com sufixos de alomorfes iniciados em consoante (e.g. *-sase* [CAUS], *-rare* [PASS], *-reba* [PROV], *-nai* [NEG]). Já as raízes terminadas em consoantes podem terminar nas seguintes consoantes /r/, /s/, /w/, /k/, /m/, /b/, /g/, /t/ e /n/ e serão concatenadas com sufixos de alomorfes iniciados em vogais (e.g. *-ase* [CAUS], *-are* [PASS], *-eba* [PROV] *-anai* [NEG]). (Ito; Mester, 2015)

Uma das maneiras de negarmos sentenças ou sintagmas em japonês envolve a inserção do marcador de negação sentencial *-nai* no complexo verbal, como vemos abaixo em (6):

- | | |
|-------------------------|--------------------|
| (6) a. <i>tabe-na-i</i> | (食.べ.な.い) |
| “comer-NEG-PRS” | lit. “não come” |
| b. <i>kak-ana-i</i> | (書.か.な.い) |
| “escrever-NEG-PRS” | lit. “não escreve” |

Nota-se que a marca de tempo *-(r)u* [PRS], característica dos verbos, e presente no exemplo em (5)a, está ausente em (6)a e (6)b. Em seu lugar, é o elemento *-i*, então, que passa a ser o responsável por marcar o tempo [PRS] da sentença (cf. dados em (2)a acima.). PRS é uma marca que indica tempo não passado, vai com verbos e adjetivos e, geralmente, se expressa por finais tais como *-(r)u* (verbos), *-i* (adjetivos e negação) e *-da* (cópula não polida). Em (6)b, nota-se também a concatenação do alomorfe *-ana-* do marcador de negação.⁹

Vemos, abaixo, em (7) os predicados com o marcador de tempo passado:

- | | |
|-----------------------|-----------------|
| (7) a. <i>tabe-ta</i> | (食.べ.た) |
| “comer-PAST” | lit. “comeu” |
| b. <i>kai-ta</i> | (書.い.た) |
| “escrever-PAST” | lit. “escreveu” |

⁹ O marcador de negação é comumente representado como *-(a)nai* para expressar os dois alomorfes, *-nai* e *-anai*. Sendo que a forma *-anai* apresenta uma vogal de ligação do morfema *-nai* com verbos em que a raiz é terminada em consoante.

Segundo Kubozono (2015), quando a marca de tempo *-ta* [PAST] se liga à raiz terminada em consoante *kak-* ‘escrever’, a forma subjacente /*kak-ta*/ emerge como *kaita*. A vogal /i/ serve de epêntese, quando a raiz termina em /k/, e a consoante velar da coda /k/ é deletada antes da vogal epentética /i/. Assim, em vez de **kakita*, emerge a forma *kaita*. Apesar das origens dessa alternância serem mudanças de som históricas (fenômeno denominado *onbin* ‘mudanças eufônicas’), Ito e Mester (2015) apontam que essas formas fonológicas não são acidentais. Sincronicamente, tais mudanças são exatamente as que produzem na superfície codas que são permitidas no japonês. Portanto, levando em consideração a regularidade do fenômeno, consideraremos que o que comumente se chama de ‘forma *onbin*’ das raízes verbais é de fato uma forma alomórfica.

Em (8), apresentamos predicados negados com o marcador de tempo passado:

- | | |
|--|-----------------------------------|
| (8) a. <i>tabe-na-kat-ta</i>
“comer-NEG-COP-PAST” | (食.べ.な.か.っ.た)
lit. “não comeu” |
| b. <i>kak-ana-kat-ta</i>
“escrever-NEG-COP-PAST” | (書.か.な.か.っ.た)
lit. “escreveu” |

Quanto aos dados em (8), observa-se o elemento *-kat-* entre o marcador de negação *-na-* (cf. (8)a) ou *-ana-* (cf. (8)b) e o marcador de passado *-ta*. Sobre esses dados, as análises na literatura relevante variam quanto ao tratamento que propõem para o predicado complexo *-(a)na:kat:ta* ‘-Neg:COP:PAST’. Kishimoto (2013) assume que *-nakat-* é o marcador de negação no contexto de *-ta* que, na sua visão, é o marcador de tempo passado tanto para verbos quanto para adjetivos. Já Takezawa (2016) assume que *-na-* é o marcador de negação e que *-katta* é um marcador de tempo passado para adjetivos em oposição a *-ta* que ocorre em verbos e tem a mesma função. Finalmente, autores como Nishiyama (1999) e Frellesvig (2010), partindo de uma visão diacrônica da língua, assumem, como nós fizemos em nossas glosas, que o predicado complexo *-(a)na-kat-ta* (cf. (8)a,b) é formado pelo marcador de negação *-(a)na-*, pela cópula adjetival *-kat-* e pelo marcador de passado *-ta*. A forma subjacente de *-kat-* seria /*ku-ar*/ em que *-ku-* seria a cópula adjetival do japonês pré-moderno e *-ar-* uma falsa cópula proveniente do verbo existencial *ar-u* ‘ser/estar’.

Apresentamos na página seguinte, em (9), os dados de (5)-(8) esquematizados em um formato que facilita sua visualização e compreensão.

(9) Verbos do japonês e a marca de negação sentencial *-nai*

	Verbo (negado) raiz de final vocálico <i>TABE-</i> ‘comer’	Verbo (negado) raiz de final consonantal <i>KAK-</i> ‘escrever’
a. Presente (não passado) indicativo	<i>tabe-ru</i> comer-PRS ‘come’	<i>kak-u</i> escrever-PRS ‘escreve’
b. Presente (não passado) indicativo negativo	<i>tabe-na-i</i> comer-NEG-PRS ‘não come’	<i>kak-ana-i</i> escrever-NEG-PRS ‘não escreve’
c. Passado indicativo	<i>tabe-ta</i> comer-PAST ‘comeu’	<i>kai-ta</i> escrever-PAST ‘escreveu’
d. Passado indicativo negativo	<i>tabe-na-kat-ta</i> comer-NEG-COP-PAST ‘não comeu’	<i>kak-ana-kat-ta</i> escrever-NEG-COP-PAST ‘não escreveu’

Nosso objetivo nesta seção é apresentar uma descrição diacrônica do marcador de negação e da cópula adjetival que foi identificada e descrita por Frellesvig (2010) e tem como ponto de partida a língua japonesa arcaica do período Nara (712-794). Traçaremos paralelos entre esses dois elementos da língua que nos farão repensar a classificação tradicional do marcador de negação *-nai* como um elemento adjetival.

Em sua descrição diacrônica do japonês, Frellesvig (2010) assume a seguinte periodização:

(10) Períodos Linguísticos		Períodos Políticos	
Japonês Arcaico (JA)	700-800	Nara,	712-794
Japonês Medieval Anterior (JMA)	800-1200	Heian,	794-1185
Japonês Medieval Posterior (JMP)	1200-1600	Kamakura,	1185-1333
		Muromachi,	1333-1573
Japonês Moderno (JN) ¹⁰	1600-	Edo,	1603-1868
		Meiji,	1868-1912
		Taishô,	1912-1926
		Shôwa,	1926-1989
		Heisei,	1989-2019
		Reiwa,	2019-presente

(Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 1)

O autor discorre brevemente, em sua introdução, sobre esses períodos, destacando que o JA é principalmente a língua do período Nara, embora, segundo ele, também inclua textos anteriores que estão em fontes compiladas ou completadas no século VIII. Em seguida, Frellesvig afirma ser possível identificar dois grandes conjuntos de mudanças na língua japonesa, que coincidem, grosso modo, com o JMA (mudanças fonológicas) e com o JMP (mudanças gramaticais). Essas mudanças juntas, transformaram a língua arcaica em sua forma moderna.

Para cada período linguístico proposto em (10), Frellesvig (2010) dedica uma seção de descrição gramatical. O autor faz diversas subdivisões de acordo com os tópicos a serem abordados e a negação, foco de nosso estudo, na descrição do japonês arcaico está sob a subseção de auxiliares verbais, com o subtítulo “categorias opcionais”.

Os chamados, auxiliares verbais¹¹, são *suffixos flexionais* que, em sua maioria, se flexionam, cada um deles, de acordo com alguma das oito classes de conjugação verbal, porém não apresentam um paradigma flexional completo como os verbos. A expressão das categorias desses auxiliares (respeito; voz: causativa ou passiva; aspecto: perfectivo ou estativo; negação; tempo e modo) é opcional, isto é, um predicado verbal sem a presença de um desses auxiliares

¹⁰ Assim como Frellesvig (2010), abreviamos japonês moderno como “JN” (“japonês novo”) para evitar a ambiguidade com o japonês medieval (JM). Ainda, segundo o autor, o que nós conhecemos como “japonês clássico” surgiu a partir do século doze e manteve-se como forma dominante de escrita até o início do século vinte. A denominação “japonês clássico” não será usada neste trabalho.

¹¹ Nomenclatura que segue os trabalhos de Hashimoto (1969). Outras propostas de definição desse conjunto de elementos da língua podem ser encontradas em Yamada (1952, 1954).

é considerado uma forma *não marcada* (não especificada) em relação às categorias expressas pelos auxiliares.

Quanto ao marcador de negação do JA, duas formas são atestadas: a forma *-(a)n-* que se flexiona como um verbo *yodan*¹² – com gerúndio irregular¹³ – (cf. (11) e (12)); e a forma *-(a)zu-* que é sintaticamente similar ao verbo existencial *ar-* ‘ser/estar’ quanto ao uso de sua forma infinitiva para expressar função conclusiva – *ari* ‘ser/estar, infinitivo/conclusivo’ – (cf. (13) e (14)).

- (11) *ap-anu pi mane-mi omopi so a ga suru*
 encontrar-NEG.ADN dia muitos-ACOP.INF pensar.INF FOC eu GEN fazer.ADN
 lit. ‘não tendo sido capaz de vê-lo por muitos dias, eu penso em você profunda e carinhosamente’

(*Man'yôshû* 19.4198) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 108)

- (12) [*wa ga kokoda sinwopaku sir-ani*]
 eu GEN este.tanto desejar.NMNL saber-NEG.INF
 lit. ‘Não sabendo que eu desejaria tanto’

(*Man'yôshû* 19.4195) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 58)

- (13) *kadura ni su nari-ni-kyer-azu ya be-ku*
 cabelo.engeite COP.INF fazer.CONCL vir.a.ser-PERF-MPAST-NEG.CONCL Q NEC-
 ACOP.INF
 lit. ‘Não deveria ter sido feito em um enfeite de cabelo?’

(*Man'yôshû* 5.817) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 71)

- (14) *saku be-ku nari-nite ar-azu ya*
 florescer.CONCL NEC-ACOP.INF vir.a.ser-PERF.GER ser/estar-NEG.CONCL Q
 lit. ‘Não deveria ter começado a florescer?’

(*Man'yôshû* 5.829) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 71)

¹² Grupo de verbos do japonês composto por raízes de final consonantal (CVC-) seguidas por uma das quatro vogais para cada uma de suas terminações flexionais, a saber, *-a*, *-i*, *-u*, e *-e*.

¹³ Não são atestados verbos lexicais de raiz com final consonantal em *-n-* (CVn-) que apresentem flexão *yodan* portanto, essa forma do marcador de negação é a única base em *-n-* que apresenta esse tipo de conjugação.

Podemos observar abaixo em (15) o paradigma flexional do marcador de negação do japonês arcaico em suas duas formas supletivas *-(a)n-* e *-(a)zu-*. Frellesvig (2010) afirma que a forma infinitiva *-ni* e a gerundiva *-nito* são atestadas raramente no japonês arcaico, e ambas desapareceram na transição do japonês arcaico para o japonês medieval anterior. Ou seja, o paradigma em (15) reflete um estágio transicional da língua, com a forma inovadora *-(a)zu-* substituindo algumas das formas do paradigma da forma *-(a)n-*. Por exemplo, a forma condicional **-naba* não é atestada, e por isso é marcada com o sinal ‘*’, mas pode ser reconstruída hipoteticamente a partir do paradigma de outros verbos *yodan* que flexionam como a forma *-(a)n-* do marcador de negação. Assim como, postula-se hipoteticamente a forma conclusiva *-nu*, entre parênteses em (15), refletindo mais uma vez o paradigma dos verbos *yodan*.

(15) Paradigma flexional do marcador de negação do japonês arcaico e do verbo

kak- ‘escrever’, que possui flexão tipo *yodan*.

Forma	<i>-(a)n-</i>	<i>-(a)zu-</i>	<i>kak-</i> ‘escrever’
Conclusiva	(<i>nu</i>)	<i>zu</i> < <i>*ni-su</i>	<i>kaku</i>
Adnominal	<i>nu</i>	-	<i>kaku</i>
Exclamatória	<i>ne</i>	-	<i>kake</i>
Infinitiva	<i>ni</i>	<i>zu</i> < <i>*ni-su</i>	<i>kaki</i>
Gerundiva	<i>nito</i> (<i>*nite</i>)	<i>zute</i> < <i>*ni-su-te</i>	<i>kakite</i>
Concessiva	<i>nedo</i>	-	<i>kakedo</i>
Provisional	<i>neba</i>	-	<i>kakeba</i>
Condicional	<i>*naba</i>	<i>zupa</i> < <i>*ni-su-pa</i>	<i>kakaba</i>
Nominal	<i>naku</i>	-	<i>kakaku</i>

(Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 71)

Já a forma gerundiva *-nito* é notadamente irregular em comparação com o paradigma flexional dos verbos de tipo *yodan*, mas é possível levantar a hipótese, como faz o autor, de que existiu uma forma regular **-nite* em um período anterior da língua. No paradigma flexional do marcador de negação do japonês medieval anterior, a forma gerundiva *-nito* foi completamente substituída pela variante concorrente *-zute*, bem como a forma infinitiva *-ni* foi completamente substituída pela variante concorrente *-zu*.

Além disso, o autor afirma que provavelmente as formas em *-(a)zu-* do marcador de negação surgiram através da adjunção à forma infinitiva *-ni-* de um formante hipotético **-su*. Isso porque *-zu* (infinitivo/conclusivo) é morfossintaticamente similar à *-ku*, a forma infinitiva do que ele denomina *cópula adjetival*. Ambos, *-zu* e *-ku*, servem de base para a construção de outras formas como, por exemplo, a gerundiva em *-zute* e *-kute*, e a condicional em *-zupa* e *-kupa*. Nota-se que partículas como *-pa* adjungiam-se diretamente à verbos na forma infinitiva.

Tanto *-zu* quanto *-ku* podiam ser seguidos pelo verbo existencial *ar-* ‘ser/estar’ para possibilitar a combinação com elementos que nunca ou raramente se adjungiam diretamente a eles. Por exemplo, as construções com o marcador de passado apresentavam mais comumente as formas *-zu ari-kyer-* ‘NEG ser/estar-PAST’ e *-ku ari-kyer-* ‘ACOP ser/estar-PAST’. O surgimento dessas formas analíticas trouxe versatilidade morfofonológica à língua e, em alguns casos, houve fusão fonológica que resultou nas formas *-zar-* (*-zu ar-*) e *-kar-* (*-ku ar-*). Nessa forma estendida a negação podia ser aplicada recursivamente como podemos observar em (16).

(16) *miyезaranaku ni*

mi-ye-zu *ar-anaku* *ni*

ver-PASS-NEG ser/estar-NEG.NMNL COP.INF

lit. ‘embora não seja (o caso) que (ela) não seja visível’

(Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 70)

Para tratarmos da cópula adjetival, devemos discorrer sobre a classe dos adjetivos à qual essa cópula é relacionada, segundo a descrição de Frellesvig (2010). Quanto aos adjetivos, estes eram raízes ou bases nominais que eram normalmente seguidas de um auxiliar (a cópula adjetival) mas também podiam ser usadas independentemente, de forma exclamativa, reforçada por uma interjeição (cf. (17)a) ou com uma partícula interrogativa (cf. (17)b). Nota-se que esse tipo de uso ainda é corrente no japonês contemporâneo com a vogal final alongada, e.g. *takaa* ‘que caro!’ (dicionarizado *takai* ‘caro’).

(17) a. *ana* *omosirwo* (*Kogoshûi*)

interjeição maravilhoso ‘que maravilhoso!’

b. *oso* *ya,* *kono kimi* (*Man’yôshû* 9.1741)

estúpido interrogação este homem ‘ele é estúpido, este homem?’

(Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 80)

O autor afirma que os adjetivos no japonês arcaico eram adverbializados, adnominalizados ou predicados através de formantes particulares que se adjungiam à raiz ou base dos adjetivos como podemos observar abaixo em (18)-(21).

- (18) *a ga mune ita-si*
 eu GEN coração doloroso-**ACOP.CONCL**
 lit. ‘meu coração dói.’

(*Man'yôshû* 15.3767) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 83)

- (19) *kurwo-ki mi-kyesi*
 preto-**ACOP.ADN** HON-roupas
 lit. ‘roupas pretas’

(*Kojiki* 4) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 83)

- (20) *kimi ga yuki ke naga-ku nari-nu*
 milord GEN ir.INF dia longo-**ACOP.INF** vir.a.ser-PERF.CONCL
 lit. ‘muitos dias se passaram desde que você, meu senhor, partiu’

(*Kojiki* 88) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 86)

- (21) *yama-daka-mi*
 montanha-alto-**ACOP.INF**
 lit. ‘a montanha sendo alta’

(*Kojiki* 78) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 87)

Frellesvig interpreta esses formantes como uma cópula restrita, que ele denomina cópula adjetival devido às suas funções (adverbializar, adnominalizar e predicar as raízes ou bases nominais dos adjetivos), e devido ao seu desenvolvimento morfológico compartilhado com a cópula *to* e *ni* do japonês arcaico, nomeadamente, o fato de que tanto as cópulas regulares *to* e *ni* quanto a cópula adjetival *ku* apresentam diacronicamente formas analíticas junto do verbo existencial *ar-* ‘ser/estar’ e também formas sintéticas nas quais há fusão das cópulas com o mesmo verbo existencial *ar-* ‘ser/estar’.

As formas analíticas das cópulas com o verbo existencial *ar-* ‘ser/estar’ foram sujeitas a um processo de apagamento de vogal que decorre da adjunção de certos morfemas, processo esse que é característico do japonês, uma língua aglutinante. O autor cita como exemplos desse

processo as formas em que o verbo existencial *ar-* ‘ser/estar’ funde-se com um morfema gramatical monossilábico que o precede, por exemplo, para a forma estativa perifrástica N-*ni-ar-* (N-COP-ser/estar) há o apagamento do elemento /i/ da cópula *-ni-* resultando na forma N-*nar-* (N-COP.ser/estar) e em N-*to-ar-* (N-COP-ser/estar) há o apagamento do /o/ da cópula *-to-* resultando na forma N-*tar-* (N-COP.ser/estar). Já a negação estendida V-(a)*zu-ar-* (V-NEG-ser/estar) resulta em V-(a)*zar-* (V-NEG.ser/estar) e a cópula adjetival A-*ku-ar-* (A-COP-ser/estar) após a fusão era representada por A-*kar-* (A-COP.ser/estar). Esse processo de fusão das cópulas/marcador de negação com o verbo *ar-* ‘ser/estar’ pode ser observado através de exemplos de predicados complexos como (22) e (23):

(22) *kak-azu-ar-* ‘escrever-NEG-ser/estar’ => *kak-azar-* ‘escrever-NEG.ser/estar’;

(23) *aka-ku-ar-* ‘vermelho-COP-ser/estar’ => *aka-kar-* ‘vermelho-COP.ser/estar’.

No japonês arcaico essas formas fundidas eram simples fusões fonológicas mas, no japonês pré-moderno essas formas foram reanalisadas dando origem aos morfemas *-tar-* ‘cópula’, *-zar-* ‘negação’ e *-kar-* ‘cópula adjetival’. Assim como ocorre com o marcador de negação, no japonês arcaico o morfema de passado modal *-(i)kyer-* não se adjungia diretamente às formas flexionais da cópula adjetival. Foi a formação analítica da cópula adjetival com o verbo existencial *ar-* ‘ser/estar’ (*-ku ar-*) que trouxe a possibilidade de essa construção ser realizada (cf. (24) e (25), abaixo).

(24) *kimi ga yosopi si taputwo-ku ari-kyeri*
 milorde GEN traje EMPH admirável-ACOP.INF ser/estar-MPAST.CONCL
 lit. ‘sua vestimenta, é admirável, milorde!’

(*Kojiki* 7, *Nihon shoki kayô* 6) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 105)

(25) *ima no kusurisi taputwo-kari-kyeri*
 agora COP.ADN mestre.de.medicina admirável-ACOP-MPAST.CONCL
 lit. ‘o atual mestre de medicina é digno de elogio!’

(*Bussoku* 15) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 105)

Frellesvig (2010) sugere a possibilidade de se agruparem alguns sufixos do japonês arcaico sob uma classe de sufixos com formas em *k ~ s* devido à probabilidade de esses sufixos serem reflexos de cópulas mais antigas que já haviam sido gramaticalizadas no japonês arcaico.

Esse grupo de formas *k ~ s* envolve os marcadores de passado *-(i)ki* e *-(i)kyer-*, sendo que a forma *-(i)kyer-* parece ter se desenvolvido através da extensão com o verbo existencial *ar-* ‘ser/estar’ (*kyer-* < **ki-ar-*). As formas da cópula adjetival (cf. (26)) se sobrepõem, em várias células, às formas dos marcadores de passado. Segundo o autor, essa sobreposição de formas sugere que a cópula adjetival e os marcadores de passado são gramaticalizações diferentes de um único material copular, hipótese essa que serve de suporte para a análise de que as formas finais dos adjetivos (conclusiva, *-si*; adnominal, *-ki*; infinitiva, *-ku*, e *-mi*; etc.) são, de fato, uma cópula restrita.

Retomando aqui as semelhanças, mencionadas acima, entre o marcador de negação *-zu* e a cópula adjetival *-ku*, chamamos a atenção do leitor para a alternância entre as formas conclusiva *-si* e adnominal *-ki* da cópula adjetival e a alternância entre as formas conclusiva *-ki* e adnominal *-si* do marcador de passado (cf. (26)). Frellesvig afirma que a alternância entre formas *k ~ s* também é exibida pela forma infinitiva da cópula adjetival *-ku* e **-su* e declara que **-su* participa da formação das formas inovadoras do marcador de negação, como exposto acima, além de também poder fazer parte da formação do semblativo, um caso gramatical do tipo relacional que indica semelhança (cf. (26)).

As semelhanças morfossintáticas entre a forma infinitiva da cópula adjetival e a forma infinitiva do marcador de negação podem ser apreendidas se, como sugerido pelo autor, esses marcadores forem formas variantes que se originaram de um único material copular. Além disso, é possível supor que o verbo *se-* ‘fazer’, as partículas de foco *so* e *ka*, e os demonstrativos *ko-* ‘proximal’ e *so-* ‘não proximal’ sejam elementos relacionados pela raiz à essas formas alternantes *k ~ s* de uma possível cópula mais antiga.

(26) Cópula adjetival do japonês arcaico e formas gramaticais possivelmente relacionadas

<i>Formas</i>	<i>S-</i>	<i>K-</i>	<i>Cópula Adjetival</i>		
<i>Conclusiva</i>	<i>si</i>				
<i>Adnominal</i>		<i>ki</i>			
<i>Exclamatória</i>	<i>sa</i>		<i>kyere < *ki-are</i>		
<i>Infinitiva</i>				<i>ku</i>	<i>ku</i>
<i>Gerundiva</i>				<i>kute</i>	
<i>Condicional</i>		<i>kyeba < *ki-amu-pa</i>		<i>kupa</i>	
<i>Concessiva</i>		<i>kyedo</i>	<i>kyeredo</i>		
<i>Provisional</i>		<i>kyeba</i>	<i>kyereba</i>		
<i>Nominal</i>		<i>kyeku < *ki-aku</i>			
<i>Conjectural</i>		<i>kyem- < *ki-am</i>			
<i>Negativa (nominal)</i>		<i>kyenaku < *ki-anu-aku</i>			
	<i>Formas do Passado</i>		<i>Passado Modal</i>	<i>Negação</i>	<i>Semblativo</i>
	<i>S-</i>	<i>K-</i>	<i>K-</i>	<i>Z-</i>	<i>N-</i>
<i>Conclusiva</i>		<i>ki</i>	<i>kyeri</i>	<i>zu < *ani-su</i>	
<i>Adnominal</i>	<i>si</i>		<i>kyeru</i>		<i>nasu < na-su</i>
<i>Exclamatória</i>	<i>sika</i>		<i>kyere</i>		
<i>Infinitiva</i>				<i>zu < *ani-su</i>	<i>nasu < na-su</i>
<i>Gerundiva</i>				<i>zute < *ani-su-te</i>	
<i>Condicional</i>	<i>seba</i>	<i>kyeba</i>		<i>zupa < *ani-su-pa</i>	
<i>Concessiva</i>	<i>sikado</i>		<i>kyeredo</i>		
<i>Provisional</i>	<i>sikaba</i>		<i>kyereba</i>		
<i>Nominal</i>	<i>siku</i>	<i>kyeku</i>	<i>kyeraku</i>		
<i>Conjectural</i>		<i>kyem-</i>			

(Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 122)

Outra semelhança compartilhada entre formas do marcador de negação e da cópula adjetival está nas formas infinitivas *-ni* do marcador de negação e *-mi* da cópula adjetival. Essas formas compartilham características morfossintáticas como, por exemplo, complementar o verbo *omop-* ‘achar/pensar/acreditar’.

(27) *Inabinwo mo yuki-sugwi-kate-ni omop-yereba*

Inabino ETOP ir-passar-ser.possível-NEG.INF pensar-STAT.PROV

lit. ‘enquanto eu estava pensando que não há como sair de Inabino’

(*Man'yōshū* 3.253) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 88)

(28) *ne-siku wo . . . urupasi-mi omopu*

dormir-PAST.NMNL ACC maravilhoso-ACOP.INF achar.CONCL

lit. ‘Eu acho maravilhoso ela ter dormido (comigo)’

(*Kojiki* 46) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 87)

Além disso, a forma infinitiva *-ni* do marcador de negação e a forma infinitiva *-mi* da cópula adjetival podem ser adverbializadas com *-to*. Isto é, o marcador de negação adverbializado com *-to* resulta na forma *-nito* (cf. (29)). Enquanto a cópula adjetival pode formar um gerúndio irregular *-mito* (cf. (30)) no lugar do esperado *-mite* que seria uma forma gerundiva regular.

(29) *aka-nito*

estar.satisfeito-NEG.GER

lit. ‘Sem ficar satisfeito’

(*Man'yōshū* 17.3991) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 89)

(30) *kurapasi-yama wo sagasi-mito*

kurahashi-montanha ACC íngreme.ACOP.GER

lit. ‘Montanha Kurahashi sendo íngreme’

(*Kojiki* 69) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 89)

Outra semelhança entre a forma infinitiva *-ni* do marcador de negação e a forma infinitiva *-mi* da cópula adjetival está na possibilidade de serem predicados pelo verbo *se-* ‘fazer’ (cf. (31) e (32) abaixo).

- (31) *kimi pa miredo aka-ni se-mu*
 milord TOP ver.CONC estar.satisfeito-NEG.INF **fazer**-CONJ.CONCL
 lit. ‘embora você olhe para isso, milord, você não ficará satisfeito’
 (*Man’yôshû* 17.3902) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 89)

- (32) *ima no masaka mo urupasi-mi sure*
 agora COP.ADN neste.momento ETOP maravilhoso-ACOP.INF **fazer**.EXCL
 lit. ‘Também acho este mesmo momento adorável!’
 (*Man’yôshû* 18.4088) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 87)

Essas semelhanças morfossintáticas também servem de suporte para a hipótese de que tanto a cópula adjetival quanto o marcador de negação do japonês arcaico compartilham um material copular originário em comum.

Ainda de acordo com Frellesvig, ao final do período medievo, na transição para o japonês moderno, a cópula adjetival possuía “formas flexionais” (*katsuyôkei*) para a maior parte das categorias para as quais os verbos do japonês se flexionavam. No entanto, o passado era mais comumente formado analiticamente através da construção *-ku atta* ‘-COP ser/estar.PAST’ ou *-ku gozatta* ‘-COP ser/estar (polido).PAST’. Durante esse período, como continua o autor, a cópula adjetival para o passado na forma *-kat-ta* ‘COP-PAST’ ainda não estava bem estabelecida, suas ocorrências eram raras e ela geralmente aparecia junto do morfema de negação *na-*. Essa construção *na-kar-* ‘NEG-COP’, ele observa, esteve perto de ser lexicalizada como um verbo *nakar-*, apresentando formas como *nakaru* ‘não existe’ ou *nakatta* ‘não existiu’ que não eram, em geral, observadas em outros adjetivos.

A descrição diacrônica que Frellesvig (2010) fez da cópula adjetival do japonês retoma interpretações que já apareciam em trabalhos como os de Nishiyama (1999) e de Narahara (2002). Esses três autores, entre outros, salientam que, no japonês pré-moderno, os adjetivos eram marcados pelos elementos finais *-ki* ou *-si*, marcas que foram neutralizadas posteriormente em *-i*.

Por fim, encontram-se no japonês arcaico exemplos de uma forma negativa *na-ki* que Frellesvig (2010) glosa da seguinte maneira: *na-ki* ‘not.exist-ACOP.ADN’. Apesar de essa forma aparecer em alguns exemplos, o autor não fornece em seu texto informações detalhadas sobre ela. Essa forma que aparece em textos do período Nara (712-794) parece se tratar de um adjetivo negativo, uma vez que é acompanhada da cópula adjetival e é provavelmente a origem do

adjetivo negativo do japonês contemporâneo *nai* (*nai* < *na-ki*) que é homófono da forma infinitiva do marcador de negação do japonês contemporâneo *-nai*.

- (33) *wa ga koromode no puru toki mo na-ki*
 eu GEN manga GEN secar.ADN tempo ETOP **não.existir-ACOP.ADN**
 lit. ‘Não há tempo (não o suficiente) para minhas mangas secarem!’
 (*Man'yôshû* 10.1994) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 84)

- (34) [*ipu subye no taduki mo na-ki*] *pa a ga*
 falar.ADN modo GEN meios ETOP **não.existir-ACOP.ADN** TOP eu GEN
mwi nari-kyeri
 corpo COP-MPAST.CONCL
 lit. ‘Quem não tinha meios de se expressar era eu!’
 (*Man'yôshû* 18.4078) (Adaptado de Frellesvig, 2010, p. 84)

Nishiyama (1999) aponta a similaridade, no japonês contemporâneo, entre as formas de passado da cópula adjetival *katta* ‘COP.PAST’ (e.g. *ao-katta* ‘azul-COP.PAST’ ‘era azul’), da cópula regular *datta* ‘COP.PAST’ (e.g. *kagami datta* ‘espelho COP.PAST’ ‘era um espelho’) e do verbo existencial *atta* ‘ser/estar.PAST’ (e.g. *soko ni atta* ‘ali LOC ser/estar.PAST’ ‘estava ali’). O autor os decompõe da seguinte forma:

- (35) */k-ar-ta/*: *k-* raiz da cópula; *-ar-* verbo copular ‘ser/estar’; *-ta* morfema de passado;
 (36) */d-ar-ta/*: *d-* raiz da cópula; *-ar-* verbo copular ‘ser/estar’; *-ta* morfema de passado;
 (37) */ar-ta/*: *ar-* verbo copular ‘ser/estar’; *-ta* morfema do passado.

Quanto à ausência da cópula adjetival na forma superficial dos adjetivos do japonês contemporâneo no tempo presente (cf. (2) repetido abaixo como (38)), Nishiyama afirma que segue Urushibara (1993, p. 36) e atribui essa ausência à tendência de o tempo presente não requerer uma representação superficial da cópula, como no hebraico (ver Rapoport, 1987; e Déchaine, 1993).

(38) Paradigma flexional do adjetivo *aoi* ‘azul’ e do verbo *miru* ‘ver’ negado com o marcador de negação sentencial *-nai*

	Adjetivo	Verbo negado
	<u>AO</u> -I ‘azul’	MI- <u>NA</u> -I ‘não ver’
a. Presente indicativo	<u>ao-i</u> azul-COP.PRS ‘é azul’	mi- <u>na-i</u> ver-NEG-COP.PRS ‘não vê’
b. Passado indicativo	<u>ao-kat</u> -ta azul-COP-PAST ‘era azul’	mi- <u>na-kat</u> -ta ver-NEG-COP-PAST ‘não viu’
c. Provisional	<u>ao-ke</u> -reba azul-COP-COND ‘se for azul’	mi- <u>na-ke</u> -reba ver-NEG-COP-COND ‘se não vir’
d. Gerundivo	<u>ao-ku</u> -te azul-COP-GER ‘azul’	mi- <u>na-ku</u> -te / mi- <u>na-i</u> -de ver-NEG-COP-GER ‘não ver’

(Adaptado de Takezawa, 2016)

Em contrapartida, a análise de Narahara (2002) rejeita a proposta de que *-i* seja um marcador de tempo presente (cf. (38)). A autora propõe que, no japonês, apenas o material *-ta* ‘PAST’ é uma representação morfológica de tempo que resulta em uma interpretação semântica. Ela expõe que a análise mais comum de traços morfológicos do morfema *-i* é a de que ele é o marcador de tempo presente, mas argumenta contra essa posição dizendo que a sua visão concorda com as análises dos gramáticos tradicionais japoneses sobre a representação morfológica assimétrica do tempo nessa língua, isto é, há apenas uma morfologia para a categoria tempo no japonês moderno: o marcador de tempo passado *-ta*.

Um dos argumentos que Narahara usa para rejeitar a análise de *-i* como um marcador de tempo presente é a assimetria morfológica entre o marcador de passado que está sempre representado superficialmente por *-ta* e o suposto marcador de tempo presente que possui uma realização diferente para cada categoria, a saber, *-(r)u* para verbos, *-i* para adjetivos e, segundo a autora, *-a* para a cópula moderna do japonês *da*. Narahara então oferece sua análise alternativa na qual *-(r)u* e *-i* marcam a categoria do predicado ao qual estão ligados (marcadores de verbos e adjetivos, respectivamente) e *-a* é um marcador que ela denomina ‘afirmativo’ e marca o caráter afirmativo da cópula *da*.

Ela avança seu argumento destacando que um morfema como *-i* no adjetivo *huru-i* ‘é velho’ não pode sozinho ser a representação superficial de três traços diferentes, a saber:

- i) o traço não polido (em oposição à forma polida *huru-i desu* ‘é velho (polido)’¹⁴ (segmentação da autora));
- ii) o traço de item positivo (em oposição à forma negativa *huru-kunai* ‘não é velho’ (segmentação da autora));
- iii) o traço de presente (em oposição à forma de passado *huru-katta* ‘era velho’ (segmentação da autora)).

Ela afirma ser razoável assumir que *-i* representa não mais que um traço, seja esse traço um dos três mencionados acima ou um traço categorizador como ela propôs. Ainda, a autora afirma que o material */-kat-/* de um adjetivo em tempo passado como */atu-kat-ta/* ‘era quente’ é um material irrelevante para qualquer interpretação semântica, assim como o material */-at-/* da cópula regular no tempo passado */d-at-ta/*, e não glosa nem propõe uma análise ou interpretação para esse material.

Como veremos mais a frente, a assunção de que *-(r)u* e *-i* carregam traços de categoria (verbal e adjetival, respectivamente) acarreta um impasse crucial devido à profusão de categorizadores em um mesmo predicado, e.g. o PMC *mi-rare-na-i* ver-POT-NEG-COP ‘não consegue ver’ teria um categorizador verbal e um adjetival; nesse caso qual seria a categoria desse PMC? Por sua vez, o predicado complexo *tabe-na-i* ‘não come’ teria de ser interpretado como um predicado complexo adjetival, apesar de ter um verbo em sua composição.

Assim, a autora falha ao afirmar que */-at-/*, na cópula regular em tempo passado */d-at-ta/*, e */-kat-/*, em um adjetivo em tempo passado como */atu-kat-ta/* ‘era quente’ são irrelevantes

¹⁴ Para a autora o marcador de polidez nesse caso seria o material */-es-/* da cópula polida *desu*.

para a interpretação semântica, bem como ao não reconhecer *-kat-* como uma cópula, mesmo mostrando sua semelhança com a cópula tradicional do japonês.

2. ALGUMAS PROPOSTAS ANTERIORES PARA SENTENÇAS NEGATIVAS DO JAPONÊS

A negação do japonês foi tópico da atenção de uma série de pesquisadores. Neste capítulo nós iremos observar como alguns desses trabalhos foram desenvolvidos e as problemáticas que apresentam.

2.1. Kuno (1980, 1983)

Kuno aponta que o escopo da negação do japonês é relativamente estreito se comparado a línguas como o inglês, e se estende apenas ao constituinte verbal imediatamente anterior ao morfema negativo "*na-i*", ou seja, o verbo, adjetivo ou X+cópula. A partir dessa posição ele propõe a seguinte generalização em (39):

- (39) O escopo da negação é extremamente limitado e se estende apenas ao constituinte ao qual o morfema negativo *na-i* está ligado: o verbo, adjetivo ou X+cópula que imediatamente precedem *na-i*.¹⁵

(Adaptado de Kuno, 1983, p.130)

Essa generalização captura o porquê da sentença em (40) soar estranha.

- (40) #Hanako-wa [Taroo-ga but-ta kara] naitei-nai.

Hanako-TOP Taro-NOM hit-PAST because be.crying-NEG

ok: 'Because Taro has hit her, Hanako isn't crying.'

*'Hanako is crying not because Taro hit her.'

(Kuno, 1980, (13d))

O exemplo em (40) possui apenas o significado onde a oração com "porque" (*because*-clause) está fora do escopo da negação. Isso contrasta com o exemplo em inglês (41), onde a oração com "porque" pode estar dentro do escopo da negação.

¹⁵ (39) The scope of negation is extremely limited and extends only to the verbal constituent that negative morpheme *na-i* is attached to: the immediately preceding verb, adjective or X+cópula. (Kuno, 1983, p.130)

(41) Hanako isn't crying because Taro hit her.

ok: 'Because Taro has hit her, Hanako isn't crying.'

ok: 'Hanako is crying not because Taro hit her.'

(Shibata, 2015, p.41)¹⁶

Se o escopo de negação em japonês é limitado apenas ao verbo imediatamente anterior, a oração com "porque" em (40) precisa estar fora do escopo da negação, o que explica a interpretação correta de apenas um sentido.

Embora a generalização (39) explique por que a frase (40) soa estranha, ela não consegue lidar com frases em que elementos diferentes do verbo imediatamente anterior à negação estão dentro do escopo da negação. Por exemplo, a frase (42) é um caso assim.

(42) Kyoo-wa kuruma-de ko-nakat-ta node, aruite kaera-nakerebanaranai.

hoje-TOP carro-de vir-NEG-PAST porque andar retornar-devo

'Hoje, porque eu não vim de carro, eu devo voltar para casa a pé.'

(Kuno 1983, p.129)

Segundo Shibata, no exemplo (42), a frase *kuruma-de* 'de carro' é selecionada entre elementos como "de ônibus" ou "a pé", e, portanto, pode ser considerada um foco de escolha múltipla mesmo sem ser um elemento imediatamente precedente ao morfema de negação. Para explicar isso, Kuno (1983) suplementa sua generalização em (39) com o seguinte princípio (43):

(43) A generalização em (39) se sustenta a menos que o foco da negação seja um foco de escolha múltipla.¹⁷

(Kuno, 1983)

No entanto, a definição precisa de "foco de escolha múltipla" não é fornecida no trabalho de Kuno e ainda não está claro como esse princípio se aplica a outros casos. Em resumo, a descrição de Kuno do foco de negação em japonês é baseada no princípio de "precedência linear" (39), complementado pelo princípio pragmático de "foco de escolha múltipla" (em (43))

¹⁶ (41) Hanako não está chorando porque o Taro a acertou.

ok: 'Porque o Taro a acertou, Hanako não está chorando.'

ok: 'Hanako está chorando não porque o Taro a acertou.'

(Shibata, 2015, p.41)

¹⁷ (43) The generalization (39) holds unless the focus of negation is a multiple-choice focus. (Kuno, 1983)

(cf. Kuno 1980, 1983). Mais pesquisas podem ser necessárias para esclarecer o funcionamento exato desse princípio em diferentes casos. O exemplo (40) pode indicar, simplesmente, que a oração com "porque" é gerada em uma posição diferente das mesmas orações em inglês e não que a posição da negação em japonês seja diferente da do inglês.

2.2. Takubo (1985)

Para Takubo (1985), o escopo da negação é o domínio de c-comando de Neg: [v V Neg], em casos normais, ou [VP [v S' V] Neg], quando o verbo toma um complemento oracional. Com uma proposta em que os verbos do japonês não projetam VP (exceto em alguns casos), Takubo assume que quando a sentença tem uma estrutura plana, sem VP, o morfema de negação *-nai* tem escopo apenas sobre o verbo que o antecede imediatamente (assim como Kuno 1980, 1983). No entanto, o autor argumenta que em alguns casos marcados, incluindo casos em que predicados tomam um complemento oracional como (44), abaixo, o verbo e o complemento formam um VP e, nesse caso, a negação tem escopo sobre o VP.

- (44) Watasi-wa [kare-ga 1920-nen-ni umareta to] (wa) omowa-nai.
 eu-TOP [ele-NOM 1920-ano-em nasceu COM] TOP achar-NEG
 'Eu não acho que ele nasceu em 1920.'¹⁸

(Adaptado de Takubo 1985: 37)

Em (44), tanto *kare* quanto *1920-nen* na oração subordinada podem ser o foco da negação. Essa observação não pode ser capturada pela generalização de Kuno em (39) uma vez que esses itens não estão imediatamente antes da negação. Takubo argumenta que o escopo da negação deve ser determinado pela noção estrutural de c-comando (Reinhart 1976, 1983)¹⁹ e não por "precedência linear" como alegou Kuno. Takubo então propõe o seguinte:

¹⁸ (44) Watasi-wa [kare-ga 1920-nen-ni umareta to] (wa) omowa-nai.
 I-TOP [he-NOM 1920-year-in was.born COM] TOP think-NEG
 'I don't think he was born in 1920.'

(Takubo 1985: 37)

¹⁹ De Reinhart (1976, 1983): C-Command: Node A c-commands node B iff the branching node α_1 most immediately dominating A either dominates B or is immediately dominated by a node α_2 , which dominates B, and α_2 is of the same category type as α_1 .

(45) O escopo da negação é o domínio sintático do morfema de negação. O foco da negação tem de estar no escopo da negação.²⁰

(Adaptado de Takubo 1985: 39)

O autor assume que o domínio sintático da negação é o seu domínio de c-comando. Quando uma sentença tem uma estrutura sem VP, como ele assume para sentenças como a que foi apresentada em (40), repetida abaixo como (46), o único item c-comandado pela negação é o verbo ou adjetivo ao qual o morfema de negação está adjungido.

(46) #Hanako-wa [Taroo-ga but-ta kara] naitei-nai.

Hanako-TOP Taro-NOM hit-PAST because be.crying-NEG

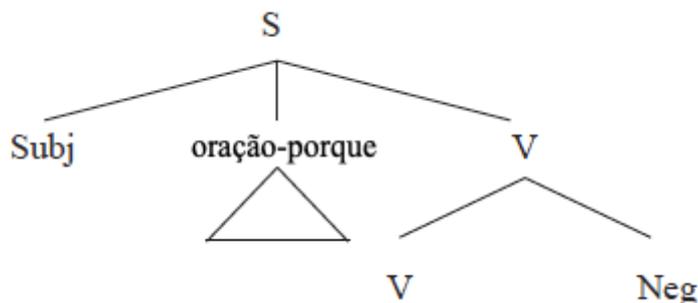
ok: 'Because Taro has hit her, Hanako isn't crying.'

*'Hanako is crying not because Taro hit her.'

(Kuno, 1980: (13d))

Isso também explica por que oração com "porque" em (46) não pode estar dentro do escopo da negação. De acordo com Takubo (1985), a sentença tem uma estrutura plana sem VP em casos como (46); o único elemento c-comandado pela negação é o verbo imediatamente anterior a ela. Assim, a oração com "porque" está fora do escopo da negação (cf. (47)) e a sentença resulta em uma leitura estranha.

(47)



(Shibata, 2015, p.44)

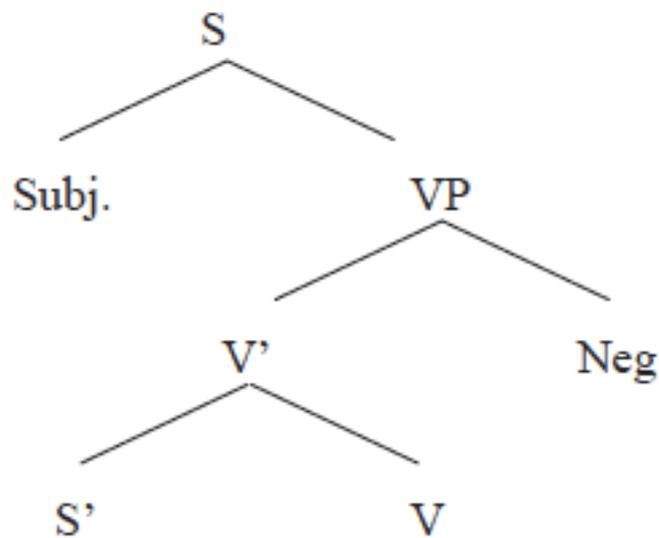
²⁰ (45) The scope of negation is the syntactic domain of the negative morpheme. The focus of negation must be in the scope of negation. (Takubo 1985: 39)

Por outro lado, para uma sentença como (44), repetida abaixo como (48), ele assume que VP é projetado e em tais casos o morfema de negação está localizado na posição de onde ele c-comanda qualquer item dentro do VP:

- (48) Watasi-wa [kare-ga 1920-nen-ni umareta to] (wa) omowa-nai.
 eu-TOP [ele-NOM 1920-ano-em nasceu COM] TOP achar-NEG
 ‘Eu não acho que ele nasceu em 1920.’

(Adaptado de Takubo 1985, p.37)

(49)



(Shibata, 2015, p.44)

Como a negação c-comanda S' em (49), não é nenhuma surpresa que qualquer item nessa oração complemento possa ser o foco da negação. Assim, Takubo (1985) trata o escopo da negação em termos da noção estrutural de “c-comando” e não como “precedência linear” como fez Kuno.

Shibata (2015) aponta que tanto Kuno quanto Takubo assumem domínios de escopo da negação do japonês bem restritos. No entanto, já foi observado (cf. Kato 1985, Kataoka 2006) que um objeto em simples sentenças transitivas pode estar sob o escopo da negação, apesar de, em muitos casos, essa leitura não ser proeminente (cf. Han et al. 2004):

(50) Taroo-wa [yotei-shi-te-ita mono-o zenbu]obj. kaw-anakat-ta
 Taro-TOP plano-fazer-PROG-PAST coisa-ACC todas comprar-NEG-PAST
 Lit. ‘Taro não comprou todas as coisas que ele planejou comprar’²¹

(Adaptado de Kato, 1985, p.106)

Kato (1985) relata que a leitura predominante em (50) é ‘all>Neg’, isto é, ‘Taro não comprou nada que ele planejou comprar’, mas que a outra leitura ‘Neg>all’ ainda é possível, isto é, ‘Taro não comprou tudo que ele planejou comprar’. Não fica claro como as propostas de Kuno (1980, 1983) ou Takubo (1985) poderiam dar conta de leituras ‘Neg>Obj’ em sentenças como (50). Shibata ressalta que a proposta de Kuno depende de um princípio pragmático ou discursivo que não é precisamente definido e que permanece obscura a análise de Kuno para os casos nos quais itens de uma sentença podem estar sob o escopo da negação mesmo que não sejam o verbo ou adjetivo imediatamente precedente ao morfema de negação -nai. Além disso, Takubo (1985) assume que uma sentença transitiva como (50) tem uma estrutura sem VP, portanto a existência da leitura ‘Neg>Obj’ é simplesmente misteriosa. Assim, as propostas de Kuno (1980, 1983) e Takubo (1985) não dão conta de explicar a possibilidade de leituras ‘Neg>Obj.’ em frases como (50).

2.3. Han; Storoshenko; Sakurai (2004)

Assumindo que VP é dominado por vP, onde o argumento externo é concatenado, Han et al. (2004) argumentam que no japonês NegP domina apenas VP e é dominado por vP. Tal conclusão é baseada em um estudo experimental. Eles investigaram a relação de escopo entre QPs de objeto e a negação em japonês. A metodologia é a seguinte: um dos pesquisadores interpreta histórias curtas em frente aos participantes usando brinquedos, e um outro pesquisador interpreta o papel de um fantoche que observa o cenário ao lado do participante. No final da história, o fantoche faz uma declaração sobre a história, e é solicitado ao participante determinar se o fantoche entendeu a história e se a declaração que ele fez é verdadeira ou não. Crucialmente, cada cenário é compatível apenas com uma leitura de escopo.

²¹ (50) Taroo-wa [yoteishi-te-ita mono-o zenbu]obj. kaw-anakat-ta
 Taro-TOP plan-to things-ACC all buy-NEG-PAST
 Lit. ‘Taro didn’t buy all of the things that he planned to buy’

(Kato, 1985, p.106)

Eles testaram um total de 48 participantes (falantes nativos de japonês com idades entre 20 e 30 anos). Um exemplo de suas frases de teste é dado abaixo em (51) seguido dos resultados obtidos em (52):

(51) Donald-ga orenji-subete-o tabe-nakat-ta.

Donald-NOM orange-all-ACC eat-NEG-PAST

Lit. 'Donald didn't eat every orange.'

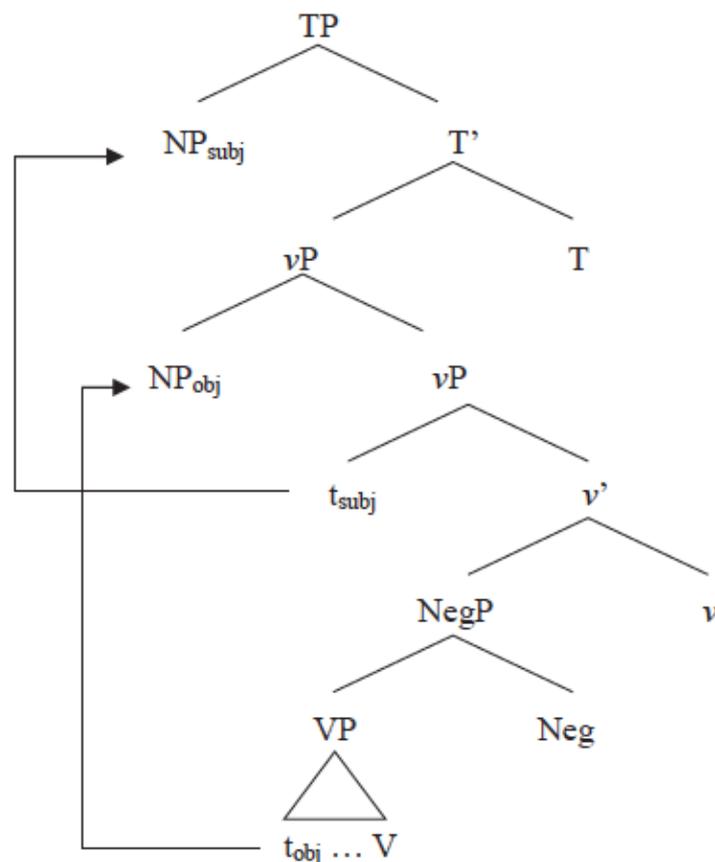
(52) Porcentagem média de aceitação

object QP > Neg: 98%

Neg > object QP: 54%

Com base nesse resultado, seguindo os trabalhos de Koizumi (1995) e Miyagawa (2001) que afirmaram que objetos do japonês passam por alçamento para [Spec,vP] para checar caso acusativo, Han et al. argumentam que, em japonês, NegP está entre VP e vP:

(53)



(Shibata, 2015, p.46)

Quanto aos 54% das pessoas que aceitam a leitura 'Neg>Obj.', Han et al. argumentam que nesses casos o verbo se move para T (pegando a negação no caminho para T) adotando a definição de c-comando em Kayne (1994).²² Eles assumem que essa operação não está disponível para todos os falantes, o que resulta em uma taxa de aceitação mais baixa dessa leitura. Assim, Han et al. argumentam que em japonês NegP está localizado de forma diferente de idiomas como o inglês, em que geralmente se assume que NegP domina vP.

Miyagawa (2003) argumenta que na ordem SOV, as QPs de sujeito não podem ter escopo abaixo da negação, e que na ordem OSV, derivada pelo scrambling do objeto sobre o sujeito, as QPs de sujeito podem ter escopo abaixo da negação:

(54)

- a. Zen'in-ga sono tesuto-o uke-nakat-ta. (all>Neg;*Neg>all)
 all-NOM that test-ACC take-NEG-PAST
 'All did not take the exam.'
- b. [Sono tesuto-o]i zen'in-ga ti uke-nakat-ta. (all>Neg; Neg>all)
 that test-ACC all-NOM take-NEG-PAST
 'All did not take the exam.'

(Miyagawa, 2003)

Essa observação, no entanto, não é compartilhada por outros autores (por exemplo, Kato 1985, Kataoka 2006, Saito 2009a, b, entre outros). Por exemplo, Saito (2009a, b) relata que, embora a leitura 'all>Neg' seja proeminente, a leitura 'Neg>all' está prontamente disponível quando o contexto é apropriadamente fornecido. Assim, a leitura 'Neg>all' é facilmente obtida quando a sentença é incorporada em uma oração condicional:

- (55) Zen'in-ga sono tesuto-o uke-nakat-ta-ra, raigetū mata tesuto-o su-ru.
 all-NOM that test-ACC take-NEG-PAST-if next.month again test-ACC do-PRES
 'If all do not take the exam, (we will have) another exam next month.'
 (all>Neg; Neg>all)

(Saito, 2009a)

²² Definição de c-comando em Kayne (1994): X c-commands Y iff X and Y are categories and X excludes Y and every category that dominates X dominates Y.

O segundo contexto é o seguinte:

(56) (Context: Students have a choice of taking the exam or handing in a term paper to receive a credit for a course.)

Zen'in-ga siken-o erab-ana-i to omo-u.

all-NOM exam-ACC choose-NEG-PRES that think-PRES (all>Neg; Neg>all)

'I think that all will not choose an exam (over a term paper.)'

(Saito, 2009a)

Miyagawa também nota a existência desse tipo de exemplo. Ele sugere que, nesse caso, o tempo verbal pode ser subjuntivo e que essa pode ser a causa da disponibilidade da leitura de escopo estreito do sujeito. Nesse caso, novamente, a leitura de escopo estreito do sujeito está prontamente disponível. Isso significa que QPs de sujeito, em princípio, podem ser o foco da negação. Essa observação é problemática para a estrutura proposta por Han et al. (2004), já que a estrutura deles em (12) prevê que as QPs de sujeito nunca estão dentro do escopo da negação – claro, isso também é problemático para Kuno (1980, 1983) e Takubo (1985). Assim, a interação de escopo entre negação e QPs de sujeito nos mostra que pelo menos os sujeitos precisam ser gerados na base abaixo da negação, o que automaticamente exclui a estrutura (12) proposta por Han et al. (2004).

O escopo estreito dos sujeitos sob negação ainda seria capturado pela suposição adicional em Han et al. (2004) de que alguns falantes permitem a elevação opcional do verbo para T, pegando a negação no caminho para T, o que permite que a negação tenha escopo sobre vP e, portanto, há uma cópia do sujeito agora sob o domínio de c-comando da negação. No entanto, isso prevê que existe uma correlação estrita entre a disponibilidade do escopo estreito do objeto e a do escopo estreito do sujeito, e que existem de fato duas gramáticas entre os falantes; uma permite a elevação opcional do verbo e a outra a impede. Essa hipótese de duas gramáticas sobre a relação de escopo entre objeto e negação também é proposta para o coreano em Han, Lidz e Musolino (2007), mas um estudo experimental de Yoon e Shimoyama (2013) revela que essa hipótese de duas gramáticas para o coreano não está no caminho certo. Eles descobriram que 71% dos participantes tiveram respostas mistas de aceitação para ambas as leituras 'Obj.>Neg' e 'Neg>Obj.', o que seria inesperado sob o modelo de duas gramáticas de Han et al. Assim, a validade da hipótese de duas gramáticas para o japonês também é uma questão que precisa ser comprovada independentemente, e nós a deixamos de lado aqui.

2.4. Kataoka (2006)

Em seu trabalho de 2006, Kataoka nota que não apenas objetos, mas também sujeitos podem estar sob o foco da negação.

(57) (Kono kurasu-no) [go-nin-izyoo-no seeto-ga] [geemu sofuto-o
essa classe-GEN [5-CLF-ou.mais-GEN aluno-NOM] [videogame-ACC
san-bon-izyoo] motte-inai
3-CLF-ou.mais] ter-NEG

‘Cinco ou mais alunos (dessa classe) não tem três ou mais videogames.’²³

(Adaptado de Kataoka, 2006, p.55)

Em (57), tanto o sujeito quanto o objeto podem ser o foco da negação. Assumindo que todos os argumentos são gerados em VP, Kataoka interpreta essa observação como evidência de que a negação no japonês pode ter uma relação de irmandade com qualquer nó da projeção de V ou A:

(58) a. [VP NP-NOM [v' NP-ACC [V]-NEG]]
b. [VP NP-NOM [[v' NP-ACC V]-NEG]]
c. [[VP NP-NOM [v' NP-ACC V]]-NEG]²⁴

(Adaptado de Kataoka, 2006, p.56)

Em (58)a, apenas o verbo imediatamente anterior à negação está sob seu escopo. Em (58)b, o objeto pode ser o foco da negação uma vez que está sob o domínio de c-comando do marcador de negação. Em (58)c, até mesmo o sujeito pode ser o foco da negação. Portanto, a reivindicação de Kataoka é de que o japonês pode ter diferentes posições para a negação e que o seu escopo varia de acordo com o seu posicionamento na estrutura sintática.

²³ (57) (Kono kurasu-no) [go-nin-izyoo-no seeto-ga] [geemu sofuto-o san-bon-izyoo] motte-inai

this class-GEN 5-CL-or.mor-GEN student-NOM game software-ACC 3-CL-or.more have-NEG

‘Five or more students (in this class) don’t have 3 or more pieces of game Software.’ (Kataoka, 2006, p.55)

²⁴ (58) a. [VP NP-ga [v' NP-o/ni [V]-nai]]

b. [VP NP-ga [[v' NP-o/ni V]-nai]]

c. [[VP NP-ga [v' NP-o/ni V]]-nai]

(Kataoka, 2006, p.56)

Assim, Kataoka (2006) assume que NPs de sujeito bem como NPs de objeto são gerados na base em VP e, portanto, que há diferentes estruturas para as sentenças negativas do japonês onde NEG pode ser irmã de V, V' ou VP como vimos acima em (58). O principal motivo para essa assunção é que tanto sujeito quanto objeto podem estar sob o escopo da negação. Como Shibata aponta, as estruturas em (58) de fato dão conta das relações de escopo que se observam no japonês, mas pelo princípio da simplicidade (navalha de occam) seria preferível se todos os padrões de escopo relacionados às sentenças negativas do japonês pudessem ser capturados com apenas uma posição para a negação na estrutura da sentença.²⁵

2.5. Kishimoto (2007, 2008)

Kishimoto afirma que a negação em japonês pode ter escopo sobre TP como resultado do movimento do núcleo da negação para T. Ele nota que no japonês não há assimetria de sujeito-objeto no licenciamento de itens de polaridade negativa (NPI) e faz o contraste com o inglês. Por exemplo, o NPI japonês *daremo* ‘ninguém’ consiste de um pronome indeterminado *dare* ‘quem’ e uma partícula de foco *-mo* ‘também/até’. Nota-se que NPIs japoneses como NP-*shika* ‘só/apenas NP’ não podem coocorrer com a partícula de caso nominativo *ga* (i.e. **daremo*_{(NPI)-*ga* ou **NP-shika-ga*).}

(59)

- | | | | |
|----|---------------------------|-----------------------|--------------------------------|
| a. | Daremo _{NPI} | Taroo-o | tatak-anakat-ta. (NPI Sujeito) |
| | anyone | Taro-ACC | hit-NEG-PAST |
| | ‘Nobody hit Taro.’ | | |
| b. | Taroo-ga | daremo _{NPI} | tatak-anakat-ta. (NPI Objeto) |
| | Taro-NOM | anyone | hit-NEG-PAST |
| | ‘Taro didn’t hit anyone.’ | | |

(Kishimoto, 2008)

²⁵ Shibata aponta que a assunção de Kataoka (2006) de que todos os argumentos, incluindo sujeitos, são gerados na base em VP vai contra Chomsky (1995) que defende que argumentos externos são concatenados fora de VP, em *vP*; mas isso pode ser resolvido se assumimos que a negação pode se ligar à qualquer projeção estendida de V, incluindo *vP*.

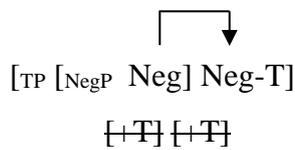
(60)

- a. * Anyone didn't hit Taro.
 b. Taro didn't hit anyone.

(Kishimoto, 2008)

Kishimoto assume que tanto o núcleo da negação quanto o de tempo ocorrem com traços não interpretáveis [+T] e que esses traços formais são eliminados sob combinação depois do alçamento do núcleo Neg:

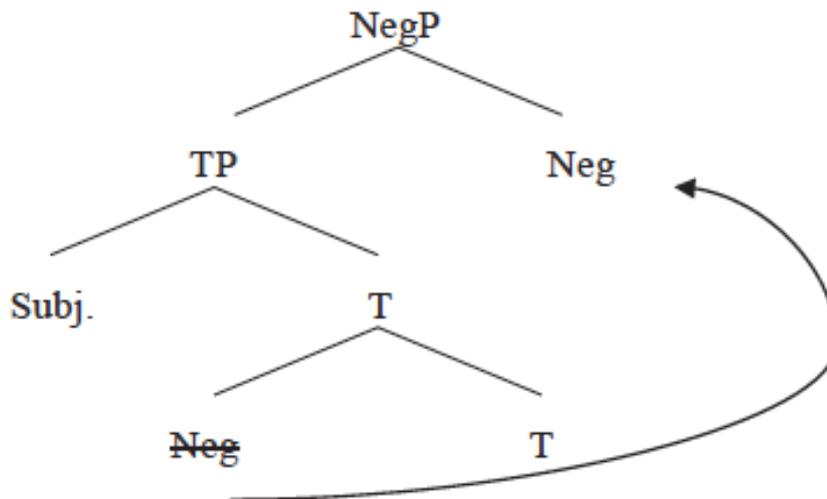
(61)



(Kishimoto, 2008)

O autor, então, propõe que quando o núcleo negativo no núcleo T toma escopo acima de TP, ele sofre excorporação para fora do morfema de tempo como em (62) abaixo. Como resultado desse movimento de Neg, o sujeito está agora sob o escopo da negação. Kishimoto argumenta que essa é a razão pela qual o japonês permite que, além dos NPIs objeto, os NPIs sujeito também sejam licenciados em oposição ao que se observa no inglês. Em suma, a proposta de Kishimoto é que a negação do japonês pode tomar escopo sobre TP.

(62)



(Kishimoto, 2008)

Shibata (2015) pondera que a proposta de Kishimoto é válida apenas se os NPIs sujeito estiverem de fato localizados em [Spec,TP] e se esses sintagmas forem NPIs que precisem ser c-comandadas pela negação. Ele aponta que, no entanto, existem problemas potenciais para ambas as suposições. Aoyagi e Ishii (1994) argumentam que NPIs do tipo *dare-mo* são na verdade adjuntos, não argumentos. Eles observam que tais NPIs podem coocorrer com um argumento com caso marcado:

(63)

- a. Gakusee-ga daremo ko-nakat-ta.
 Student-NOM anyone come-NEG-PAST
 ‘No student came.’
- b. Taroo-wa gakusee-o daremo sir-anakat-ta.
 Taro-TOP student-ACC anyone know-NEG-PAST
 ‘Taro didn’t know any student.’

(Aoyagi; Ishii, 1994)

Em (63), há argumentos com caso marcado evidente coocorrendo com NPIs. Isso mostra que esses NPIs não estão necessariamente na posição de argumento nesses exemplos. Baseados nessa observação, Aoyagi e Ishii (1994) concluem que esses sintagmas são, de fato, adjuntos. Esse argumento também é apoiado pelo fato de que partículas de caso não podem ser ligadas ao NPI *daremo* ‘ninguém’ como mencionado anteriormente. Assim, mesmo que NPIs interpretados como sujeito possam ser licenciados (59a), isso não significa necessariamente que a negação deva tomar escopo sobre TP em japonês.

Quanto à questão de os sintagmas terem de ser NPIs que precisem ser c-comandados pela negação, Watanabe (2004) afirma que a expressão da forma *daremo* ‘ninguém’ em japonês não é um NPI, mas sim um item de concordância negativa (NCI). Segundo o autor, a principal diferença entre esses itens é que os NCIs podem, às vezes, expressar por si só a negação em respostas fragmentadas, enquanto os NPIs não. Watanabe usa cinco diagnósticos, que são baseados em Valluduví (1994) e Giannakidou (2000), para checar o *status* da expressão *daremo*:

(64)

- a. Habilidade de aparecer em contextos não-negativos;²⁶
- b. Habilidade de aparecer em posição de sujeito derivada em [Spec,TP];
- c. Habilidade de ser modificado por expressões como *quase*;
- d. Habilidade de ser usado como uma resposta elíptica;
- e. Habilidade de ser licenciado por uma negação superordinada.

Como veremos abaixo em (65), NPIs são gramaticais nas circunstâncias (64)a e (64)e, mas não para (64)b-d. Já os NCIs apresentam as propriedades opostas nesse diagnóstico. Por exemplo, o NPI *any* ‘qualquer’ do inglês apresenta propriedades de NPI seguindo o diagnóstico em (64):

(65)

- a. If John steals anything, he will be arrested.
- b.* Anybody didn’t criticize John.
- c.* John didn’t eat almost anything.
- d. Q: What did you see? - A: *Anything. (meaning ‘nothing’)
- e. I didn’t say that John admired anyone.

(Watanabe, 2004, pp.562-565)

Em contraste, veremos em (66) abaixo, que a expressão do japonês *daremo* apresenta propriedades de NCI no que diz respeito à (64):

(66)

- a.* John-ga (moshi) **nani-mo** nusun-dara, taihos-areru daroo.
John-NOM if what-mo steal-COND arrest-PASS be.will
‘If John steals anything, he will be arrested.’
- b. **Dare-mo** monku-o iw-anakat-ta.
who-MO complaint-ACC say-NEG-PAST
‘Nobody complained’

²⁶ Por exemplo, no inglês o NPI *anything* pode aparecer em um sintagma como “Anything related to language is amazing.” (Qualquer coisa relacionada à linguagem é incrível.), enquanto o NCI *nothing* irá sempre expressar uma negação “Nothing related to language is amazing.” (Nada relacionada à linguagem é incrível.).

- c. John-wa hotondo **nani-mo** tabe-nakat-ta.
 John-TOP almost what-mo eat-NEG-PAST
 ‘John ate almost nothing.’
- d. Q: Nani-o mita no? - A: **Nani-mo**.
 What-ACC see-PAST Q what-mo
 What did you see? ‘Nothing’
- e.?* Boku-wa [John-ga **dare-mo** sonkeishiteiru to] iw-anakat-ta
 John-NOM John-NOM who-mo admire C say-NEG-PAST
 ‘I didn’t say that John admired anyone.’

(Watanabe, 2004, pp.562-565)

Esses dados indicam que expressões japonesas como *daremo* são fundamentalmente diferentes de NPIs do inglês como *any*. Portanto, sendo o argumento de Kishimoto (2007, 2008) válido apenas se expressões como *daremo* forem NPIs que precisam estar no domínio de c-comando da negação, suas assunções para o escopo da negação do japonês não são necessariamente válidas. Assim, baseados tanto na qualidade de adjunto de expressões como *daremo* e em sua categorização como NCI, podemos concluir que a assunção de Kishimoto (2007, 2008) de que a negação pode ter escopo acima de TP não está bem amparada teórica e empiricamente.

2.6. Breve resumo

As propostas que vimos aqui até o momento em relação ao escopo da negação podem ser resumidas da seguinte maneira:

- i) Kuno (1980, 1983): escopo apenas sobre o elemento imediatamente anterior à negação.
- ii) Takubo (1985): escopo sobre o domínio de c-comando de Neg
 [v V Neg] em casos normais; ou
 [VP [v' S' V] Neg] quando o verbo toma um complemento sintagmático.
- iii) Han et al (2004): escopo somente sobre o VP (excluindo vP) com movimento de objeto para vP [vP v [NegP Neg [VP ... V]]]
- iv) Kataoka (2006): escopo sobre qualquer nó de uma projeção de V
 [VP [v' [V]-Neg]], [VP [v' Obj V]-Neg], [[VP Subj [v' V]]-Neg]

v) Kishimoto (2007, 2008): escopo sobre TP depois de movimento de núcleo de Neg para T

De acordo com as problemáticas apresentadas para cada uma dessas propostas, a mais viável seria a de Kataoka (2006), mas o fato de a proposta da autora apresentar diversas estruturas com posições diferentes para a negação faz com que seja preferível se todas essas possibilidades pudessem ser capturadas com apenas uma posição para a negação.

Portanto, assim como Shibata (2015) e seguindo Pollock (1989), Chomsky (1991), Laka (1990), Zanuttini (1991), e Haegman (1995), nós assumimos que a negação projeta sua própria projeção, NegP. Portanto, uma vez que NPs sujeitos podem estar sob o foco da negação, NegP deve estar ao menos acima da posição onde sujeitos são gerados na base. Seguindo Chomsky (1995), nós assumimos que sujeitos são gerados na base em [Spec, vP], então NegP está acima de vP. Shibata (2015) propõe que a estrutura negativa do japonês seja [TP T [NegP NEG [vP v [VP...]]]], chamando atenção para o fato de que essa estrutura é largamente assumida translinguisticamente para a negação. Seguindo essa assunção de Shibata (2015) daremos início à nossa análise do morfema de negação *-nai* no capítulo 5 desta dissertação.

3. PMCS: PROPOSTAS NA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

No campo dos estudos morfológicos, modelos teóricos como a Morfologia Distribuída (doravante, MD), apresentada em Halle e Marantz (1993, 1994), Embick e Noyer (2001, 2007), entre outros, propõem transparência absoluta entre morfologia e sintaxe, ou seja, não há um limite claro entre esses componentes na arquitetura da gramática. Os princípios e operações sintáticas são responsáveis por organizar os nós terminais sintáticos em estruturas hierárquicas e, sendo os nós terminais unidades menores do que a “palavra”, assume-se que a sintaxe é responsável pela derivação da estrutura interna da palavra.

Rompendo com a tradição do gerativismo lexicalista, esse modelo teórico se propõe não lexicalista, no sentido em que não pressupõe um léxico pré-sintático no qual palavras são geradas ou armazenadas, e adota a sintaxe como único componente gerativo na gramática. Nessa hipótese sobre a arquitetura da gramática todos os objetos complexos são derivados sintaticamente. Não há divisão entre processos de formação de palavras e de formação de sintagmas ou unidades maiores nessa gramática: um único sistema gerativo (a sintaxe) é responsável pela construção dos dois tipos de objetos (cf. Embick, 2015).

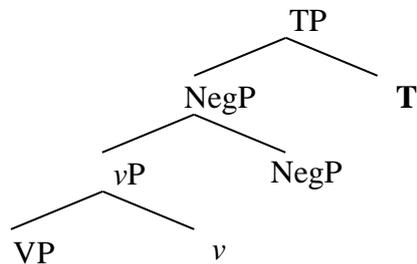
Nesta seção, apresentaremos dois trabalhos importantes, fundamentados nesse modelo, que tratam da formação de PMCs do japonês levando em consideração o marcador de negação. Trata-se dos trabalhos de Shibata (2015) e Kobayashi e Fujita (2016). Ambas as propostas fazem uso do modelo teórico da MD; porém, veremos que os autores tratam apenas parcialmente do processo de formação do complexo verbal.

3.1. A Negação e as Interfaces

Em contraste com as propostas que vimos ao longo do capítulo 2 desta dissertação, Shibata (2015) assume que a estrutura da negação no japonês é estrutura seguinte:

(67) Estrutura sintática subjacente do verbo negado (sintagma negativo):

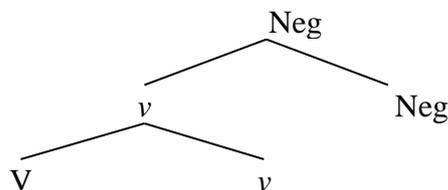
[_{TP} T [_{NegP} Neg [_{vP} v [_{VP} ...]]]]



(Shibata, 2015, p.58)

Assumindo o modelo teórico da MD, Shibata levanta a hipótese de que os PMCs do japonês possuem estrutura sintática interna, isto é, não são compostos lexicais que viriam prontos do léxico para serem manipulados pela sintaxe. Partindo da estrutura sintática em (67), ele sugere a estrutura morfológica em (68) para o verbo com negação, ou seja, para o PMC negativo [_{Neg} Neg [_v v V]] :

(68) Estrutura morfológica do PMC [_{Neg} Neg [_v v V]]



(Shibata, 2015, p.141)

Através de testes de escopo e aceitabilidade de sentenças, Shibata conclui que algumas combinações de elementos que compõem os PMCs do japonês não podem ser separadas, isto é, são inaceitáveis as sentenças que contenham elementos tais como um advérbio interveniente entre, por exemplo, os nós *v* e Neg. Além da negação, Shibata investigou os marcadores *-(r)are* (potencial), *-(s)ase* (causativo), *-oeru* (aspecto – completude) e *-tai* (desiderativo), concluindo que esses marcadores apresentam a mesma característica de não permitirem elementos intervenientes entre o nó terminal verbal e o nó terminal correspondente a cada um desses marcadores.

Nesse sentido, os dados abaixo se revelam muito interessantes e o autor faz a demonstração dessa propriedade dos PMCs do japonês através desses dados:

(69) *Watasiwa Taroni tabako o suw-anaku sase-ru*
 Eu TOP Taro DAT cigarro ACC fumar-NEG CAUS-PRS
 lit. ‘Eu faço o Taro não fumar cigarros’

(70) *Watasiwa Taroni tabako o suw-ase-ru*
 Eu TOP Taro DAT cigarro ACC fumar-CAUS-PRS
 lit. ‘Eu faço o Taro fumar cigarros’²⁷

(Adaptado de Kuroda, 1981 *apud* Shibata, 2015, p.170-171)

Shibata aponta que o PMC em (69) *V-anaku sase-ru* ‘V-NEG-CAUS-PRS’ pode ser separado em duas partes: V-NEG e CAUS-PRS. Por outro lado, o PMC em (70), *V-ase-ru* ‘V-CAUS-PRS’, seria um PMC inseparável. O autor faz esse apontamento de acordo com os fatos empíricos observados abaixo em (71) e (72).

(71) *Watasiwa Taroni tabako o suw-anaku kyoo totuzen (s)ase-ru*
 Eu TOP Taro DAT cigarro ACC fumar-NEG hoje repentinamente CAUS-PRS
 ‘Hoje repentinamente eu faço o Taro não fumar cigarros’

(72)* *Watasi wa Taro ni tabako o suw(u) kyoo totuzen (s)ase-ru*
 Eu TOP Taro DAT cigarro ACC fumar hoje repentinamente CAUS-PRS
 Intencionado ‘Hoje repentinamente eu faço o Taro fumar cigarros’

(Adaptados de SHIBATA, 2015, p. 171)

Apesar de esses dados serem muito similares no que concerne à sintaxe, o fato de que o PMC em (69) pode ser separado por um advérbio, como em (71) e permanecer bem formado, mas não o PMC em (70), como mostra (72), é tomado pelo autor como um forte argumento em favor da abordagem morfológica para os PMCs do japonês, uma vez que essa análise através

²⁷ (69) *Watasi-wa Taro ni tabako-o suw-anaku sase-ru*
 I-TOP Taro DAT tobacco-ACC smoke-NEG CAUS-PRS
 lit. ‘I cause Taro not to smoke cigarettes’

(70) *Watasi-wa Taro ni tabako-o suw-ase-ru*
 I-TOP Taro DAT tobacco-ACC smoke-CAUS-PRS
 lit. ‘I cause Taro to smoke cigarettes’ (KURODA, 1981 *apud* SHIBATA, 2015, p.170-171)

da MD prevê corretamente possíveis leituras de escopo intermediário em sentenças com PMCs, como o que vimos em (69).

3.2. PMC sem alçamento de Neg

Kobayashi e Fujita (2016), contra Kishimoto (2007, 2013), sugerem uma análise para a formação do complexo verbal utilizando o aparato teórico da MD. Assim como Shibata (2015), os autores propõem que V, Neg e T são núcleos adjacentes no componente morfológico e que esses núcleos sofrem *merge* morfológico pós-sintaticamente. O objetivo deles é demonstrar que, no japonês, o complexo verbal não é formado através do alçamento de Neg (Neg-raising) na sintaxe, como proposto por Kishimoto. Na realidade, o foco da proposta dos autores é fornecer evidências empíricas contra o alçamento sintático de Neg em japonês e explicar os padrões de flexão de T no complexo verbal, independentemente da presença ou ausência de Neg no PMC.

Em sua proposta, Kobayashi e Fujita apontam que a argumentação de Kishimoto vai no sentido de dizer que o marcador de Tempo (que, para Kishimoto, é realizado no núcleo sintático Fin de FinP, seguindo Rizzi (1997)) pode ser realizado por formas morfológicas distintas a depender do predicado ao qual está associado.

Como vimos anteriormente em (38), repetido abaixo como (73), o padrão flexional do PMC com o verbo negado é similar ao padrão flexional dos adjetivos.

(73) Paradigma flexional do adjetivo *aoi* ‘azul’ e do verbo *miru* ‘ver’ negado com o marcador de negação sentencial *-nai*

	Adjetivo	Verbo negado
	<u>AO</u> -I ‘azul’	MI- <u>NA</u> -I ‘não ver’
a. Presente indicativo	<u>ao-i</u> azul-COP.PRS ‘é azul’	mi- <u>na-i</u> ver-NEG-COP.PRS ‘não vê’
b. Passado indicativo	<u>ao-kat</u> -ta azul-COP-PAST ‘era azul’	mi- <u>na-kat</u> -ta ver-NEG-COP-PAST ‘não viu’

c. Provisional	<u>ao-ke</u> -reba azul-COP-COND 'se for azul'	mi- <u>na-ke</u> -reba ver-NEG-COP-COND 'se não vir'
d. Gerundivo	<u>ao-ku</u> -te azul-COP-GER 'azul'	mi- <u>na-ku</u> -te / mi- <u>na-i</u> -de ver-NEG-COP-GER 'não ver'

(Adaptado de Takezawa, 2016)

Nesse sentido, Kishimoto postula duas hipóteses:

- (i) o marcador de tempo inicialmente subespecificado no japonês será realizado em Fin que recebe sua especificação através dos traços [+A] ou [+V], quando o PMC é alçado para T-Fin (cf. (74)a, (alçamento de Neg));
- (ii) os traços flexionais nos predicados são copiados através de um processo que copia os traços que determinam a morfologia flexional (cf. (74)b).

Kishimoto chama esse processo de '*tense-type identification*'. Aqui, ele assume que *-nai* tenha os traços [-Lexical +A(djetival)] de sua categoria formal, e que o tempo no núcleo Fin atraia o predicado funcional adjetival *-nai* para o processo de *tense-type identification*, conforme ilustrado em (74), conferindo a T o traço [+A].

(73) Alçamento de Neg e atração de Neg pelo núcleo Fin

- a. [...] Neg_[-lexical +A] INFL] FIN_[]...] => ...] Neg_[-lexical +A]-INFL-FIN_[] ...]
- b. [Neg_[-lexical +A]-INFL-FIN_[+A]]

(Adaptado de Kobayashi; Fujita, 2016²⁸)

No entanto, Kobayashi e Fujita (2016) argumentam que as formas distintas para T devem ser determinadas apenas pela adjacência dos núcleos do PMC, como veremos abaixo. É do nosso interesse apontar que, diferentemente de Shibata (2015), Kobayashi e Fujita (2016) não explicitam uma estrutura interna para o complexo verbal. No entanto, eles propõem os Itens de Vocabulário em (75), potencial preenchedores para o nó terminal T:

²⁸ (74) foi retirado do texto de Kobayashi; Fujita (2016); porém já estava presente em Kishimoto (2013), p. 144.

(75) Itens de Vocabulário para o nó terminal T

a. $T_{[PRS]} \rightarrow -i/X_{[+A]} ______^{29}$

b. $T_{[PRS]} \rightarrow -ru/X_{[+V]} ______$

(Kobayashi; Fujita, 2016, (11))

Os autores chamam atenção para o padrão flexional do marcador de negação *-nai* e assumem, assim como Kishimoto, um traço [+A(djetival)] para o nó terminal Neg (que receberia o segmento *-na-*), enquanto o segmento *-i* seria inserido no nó terminal T. Eles afirmam que o traço [+A] de Neg permite que T receba a flexão dos adjetivos, uma vez que Neg sempre intervém entre os nós terminais de V e T. Assim, uma vez que, em MD, expoentes fonológicos são adicionados nos nós terminais pós-sintaticamente através da operação de inserção de vocabulário, a adjacência entre os núcleos V-Neg-T, que não pode ser interrompida seria um dado crucial para determinar a inserção de *-i*, marcador de PRS para adjetivos, e não de *-ru*, marcador de PRS para verbos, em T.

Veremos na próxima seção a problemática envolvida na atribuição de um traço [+A] para Neg, como propuseram Kobayashi e Fujita (2016), e ofereceremos uma alternativa a essa proposta.

²⁹ Lê-se a notação “/X” como “no contexto de X”. Em termos informais, o item Vocabulário em (75)a, por exemplo, diz que o morfema funcional $T_{[PRS]}$ é realizado com o expoente fonológico *i* quando $T_{[PRS]}$ ocorre no contexto de $X_{[+A]}$. O ponto crucial aqui é que é um elemento no contexto do nó $T_{[PRS]}$ que desempenha um papel na determinação de qual Item de Vocabulário é empregado.

4. UMA NOVA PROPOSTA PARA O PMC VERBAL COM O MARCADOR DE NEGAÇÃO

As propostas que apresentamos na seção anterior servem de base para o que iremos propor a seguir. Como apontamos na introdução desta pesquisa, Kishimoto e Uehara (2016) sugerem que o marcador de negação *-nai* adquiriu *status* de categoria funcional através do processo de descategorização (neste caso, a perda do *status* adjetival). Portanto, iremos começar esta seção avaliando a adoção do traço [+A] na estrutura do complexo verbal – do verbo negado – para dar conta da inserção de vocabulário como fizeram Kobayashi e Fujita (2016).

A primeira reivindicação que faremos, seguindo Kishimoto e Uehara (2016), é que o marcador de negação *-na-* é um elemento funcional. Isso nos remete ao tratamento proposto para a raiz em Embick (2015). O autor afirma que ser raiz é uma propriedade inerente a certos objetos na gramática: raízes não possuem traços sintático-semânticos e, portanto, não podem ser decompostas em traços dessa natureza. Para ele, verbos e outras palavras podem existir sem que possuam raiz no sentido técnico, mesmo que sejam elementos que servem de “base” para afixos. Assim, diferentemente das raízes, verbos leves são apenas feixes de traços sintático-semânticos (cf. Larson, 1998; Hale e Kayser, 1993, 2002; Chomsky 1993, 1995; Kratzer 1995). A forma *goes* ‘ir_{3SG}’ deriva de um núcleo funcional v_{go} , T(empo) e o marcador de concordância da terceira pessoa do singular *-s*. A raiz \sqrt{GO} não existe, ou seja, a forma *goes* constitui-se apenas de morfemas funcionais, mesmo que *go* pareça ser uma “base lexical” para a afixação de *-s*³⁰.

Transferindo esse raciocínio para o marcador de negação do japonês, será possível dizer que a negação não possui raiz³¹ Este é um ponto importante, já que Shibata (2015) faz menção

³⁰ Um raciocínio semelhante aparece em Fábregas (2017), que afirma, sobre as vogais temáticas, que a ausência de uma composição *raiz + vogal temática* e sua natureza de verbo leve são correlacionadas. O autor afirma que o verbo *ser* do espanhol não apresenta uma vogal temática porque ambos – *ser* e a vogal temática – são o mesmo objeto na sintaxe. Temos uma estrutura para um verbo 'padrão' consistindo no verbo leve (vogal temática) e raiz [$v_P \sqrt{cant} V_a$], e *ser* é apenas o verbo leve sem raiz [$v_P v_{ser}$]. Outro caso prototípico de verbos leves são os usados como auxiliares de aspecto: o *estar* progressivo, o *haber* perfeito e o potencial *ir*.

³¹ Diferentemente de *ser*, que constitui um verbo “anômalo” que desencadeia supleção, a forma do advérbio de negação *não*, em português, por exemplo, parece se relacionar a um conteúdo semântico mais definido do qual ainda podemos ver sinais nos itens de polaridade negativa, como, por exemplo, *nada* e *nenhum*. Esses sinais poderiam constituir evidência para a existência de uma raiz na negação do português. Nishiyama (1999), discute os demonstrativos *this*, *that*, *these* e *those*, do inglês, afirmando que, apesar de todos iniciarem com /th/, não é possível tratar /th/ como um morfema independente, uma vez que sequências como */ese/ ou */ose/ não são observadas independentemente no inglês. Ao analisarmos os pronomes demonstrativos *este* e *esse*, do português, nota-se alguma similaridade com o inglês. A princípio, essas formas parecem passíveis de decomposição, com a sequência /es/ figurando como um morfema independente. No entanto, os elementos */te/ e */se/, que representariam, talvez, proximidade e distância, respectivamente, não são atestados independentemente no português. A decomposição dos itens de polaridade negativa *nada* e *nenhum*, do português, resultaria em um

à possibilidade de o núcleo sintático Neg ser formado por $\sqrt{\text{Neg}}$ e um categorizador *a*. Apesar de não desenvolver essa proposta, a menção que o autor faz expõe a possibilidade de entendimento de que o marcador de negação sentencial seria de alguma forma um adjetivo lexicalizado, vide a própria menção de um núcleo categorizador *a*. De maneira similar, o tratamento que Kobayashi e Fujita sugerem para o PMC com o marcador de negação, assumindo um traço [+A] para o nó terminal Neg, ecoa esse entendimento de que o marcador de negação sentencial do japonês possui algum caráter adjetival.

Kishimoto e Uehara (2016) afirmam que o marcador de negação sentencial *-nai* não possui as propriedades de um adjetivo lexical, apesar do seu padrão flexional (cf. dados em (73)). Entretanto, esse mesmo marcador atua como um predicado funcional. Os autores atribuem à *-nai* a especificação [-A, -Pred, +Aggl] de acordo com suas observações empíricas sobre ele:

- i) o marcador de negação *-nai* não funciona como um adjetivo lexical livre [-A];
- ii) o marcador de negação *-nai* não possui status de predicado lexical [-Pred];
- iii) o marcador de negação *-nai* é um elemento aglutinante que não ocorre livremente na sentença [+Aggl].

Essa especificação é diferente daquela adotada em Kishimoto (2013) que assume que *-nai* é [-lexical, +A]. Aqui, a adoção de [+A] pelo autor se dá baseada no padrão flexional de *-nai*; essa mudança no posicionamento dos autores quanto à especificação do marcador de negação *-nai* reflete a discussão que faremos abaixo de que o comportamento morfológico não é suficiente para sustentar o traço [+A] no marcador de negação.³²

Adger e Svenonius (2010) e Corbett (2012) abordam o uso e descrição de traços no âmbito do Programa Minimalista (cf. Chomsky 1995, 1999, 2005). Adger e Svenonius apontam que traços como N, V, A, P, C, T e D podem ser membros de uma classe de traços denominada *categoria*. A classe de traços *categoria* é definida sintagmaticamente ao passo que as suas subdivisões possíveis são definidas paradigmaticamente (p.e. nome contável animado (gato), adjetivo gradativo (frio), etc.). Por sua vez, Corbett afirma que as categorias que ele descreve

elemento comum, /n/, e nos elementos */ada/ e */enhum/, que não ocorrem independentemente com o mesmo significado. Isso compromete a hipótese de que um desses três elementos possa exibir comportamento de raiz.

³² Tanto em Kishimoto (2013) quanto em Kishimoto e Uehara (2016) são apresentados dados onde os autores especificam o marcador de negação *-nai* como [+lexical +A] (Kishimoto, 2013) e como [+A, +Pred, +Aggl] (Kishimoto; Uehara, 2016), de acordo com a posição sintagmática dos PMCs com o marcador de negação que eles observaram.

como partes do discurso, tais como verbo ou substantivo, são traços sintáticos, em oposição a traços semânticos (p.e. animacidade) e morfológicos (e.g. classe flexional). Ele traz à tona um questionamento a respeito das partes do discurso serem puramente sintáticas e afirma que elas são, de forma clara, primariamente sintáticas. Isso, porque, quando há dúvida sobre a parte do discurso à qual um item pertence, são as evidências sintáticas que são cruciais para a resolução dessa dúvida, sendo que, nos casos canônicos, a semântica e a morfologia se alinham com a categorização sintática. O autor adiciona, ainda, que é comum percebermos que as propriedades morfológicas de itens diferentes são previsíveis de acordo com a parte do discurso à qual eles pertencem. Seguindo essa lógica, os dados em (73) indicam que a parte do discurso ou categoria à qual o marcador de negação pertence é, de fato, a do que estamos chamando informalmente de adjetivos do japonês.

Entretanto, Corbett (2012) salienta que um item que pode ser o núcleo de um sintagma nominal (teste sintático) é um nome. Espera-se que esse item denote uma entidade (caracterização semântica) e que flexione apropriadamente em uma dada língua ao marcar número por exemplo (caracterização morfológica). Trazendo exemplos do russo, o autor mostra que apesar de o nome *stolovaja* ‘sala de jantar’, que é núcleo de um sintagma nominal, precedido por determinantes e adjetivos, etc., pertencer à parte do discurso ‘nome’, ele se comporta de acordo com o mesmo padrão flexional do adjetivo regular *staraja* ‘velho (feminino, singular)’. Isto é, de acordo com a morfologia, *stolovaja* ‘sala de jantar’ deveria ser um adjetivo; porém, de acordo com seu comportamento sintático *stolovaja* ‘sala de jantar’ é um nome. Corbett conclui, então, que, para as partes do discurso, é a sintaxe que fornece o teste crucial e que a morfologia é capaz de mostrar discrepâncias interessantes na parte do discurso que é definida sintaticamente.

Corbett (2012) afirma, ainda, que um item possui apenas uma especificação para a parte do discurso à qual pertence, por exemplo, verbo, mas esse item pode ter valores diferentes para tempo, pessoa, número, etc. No âmbito dos traços morfológicos, Corbett afirma que estes têm papel apenas na morfologia e diferem de traços morfossintáticos por caracterizarem variações na forma que são independentes do contexto sintático. Nesse sentido, a proposta de Kobayashi e Fujita (2016) exemplifica essa afirmação de Corbett já que a variação na forma do marcador de tempo PRS para o nó T (em *-i* ou *-(r)u*), para esses autores, depende da adjacência dos núcleos V-Neg-T no componente morfológico.

Além disso, Kishimoto e Uehara (2016) afirmam que o que vimos até agora chamando informalmente de adjetivos e verbos da língua japonesa são estruturalmente muito similares, sugerindo que adjetivos e verbos do japonês, juntos, compõem uma categoria de predicadores

da qual são subcategorias. Essa sugestão está de acordo com Corbett (2012) no entendimento de que é necessário fornecer subclasses para as principais divisões como nome, verbo, etc. Assim, ainda de acordo com Corbett, mesmo que tenhamos várias subclasses das partes do discurso, estas são diferentes, em sua natureza, de traços como Caso e Número, que não se relacionam com a granularidade das divisões das partes do discurso, uma vez que as atravessam consistentemente.

Portanto, seguindo os principais pontos da discussão realizada acima, assumiremos neste trabalho que:

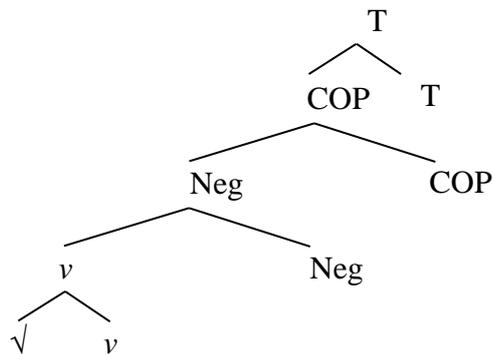
- (i) o marcador de negação do japonês *-(a)na-* é um elemento funcional que não possui raiz (seguindo a proposta de Embick (2015) para elementos funcionais);
- (ii) *-(a)na-* é um dos expoentes fonológicos possíveis para o nó terminal da projeção Neg (Shibata, 2015; Kobayashi; Fujita 2016);
- (iii) a projeção Neg representa uma categoria funcional e deve ser tratada da mesma forma que N, V, A e P, no que concerne às regras de projeção (Adger; Svenonius, 2010);
- (iv) o PMC verbal, mesmo que negado pode ter apenas um traço que defina sua parte do discurso, nesse caso [V],³³ sendo as diferenças do expoente do nó T para o PMC verbal negado uma discrepância entre morfologia e sintaxe (Corbett, 2012).

Com isso em vista, retomamos a estrutura sintática proposta por Shibata (2015) em (67) e os itens de vocabulário em (75), propostos por Kobayashi e Fujita (2016). A partir da relação que se estabelece entre as propostas desses autores, propomos aqui a seguinte estrutura morfológica (cf. (76)):³⁴

³³ Deixaremos em aberto a possibilidade de assumir um traço Pred(icadores) que englobaria os verbos e adjetivos do japonês. Uma proposta interessante com a qual poderemos trabalhar no futuro.

³⁴ O nó COP representa a cópula do japonês.

(76) Morfologia do verbo negado



Os nós terminais dessa estrutura serão alvo da operação de inserção de vocabulário. Um fragmento do conjunto dos Itens de Vocabulário do japonês que estarão em competição nesse processo de inserção de vocabulário segue em (77), e é um desenvolvimento do inventário dos Itens de Vocabulário propostos por Kobayashi e Fujita (2016). No que concerne ao item de vocabulário relativo à negação verbal, os itens são propostos de maneira a observar a alomorfia contextual descrita nos exemplos em (9), que revelam formas distintas do marcador de negação para verbos terminados em vogais (-*na-*) ou em consoantes (-*ana-*).³⁵

(77) Itens de Vocabulário para o nó terminal Neg

- a. -*na-* ↔ Neg / √TABE, √OKI, √KIE ...
 b. -*ana-* ↔ Neg / √KAK, √YOM, √TOB ...

No que concerne à expressão de tempo, os dados em (78)d já nos mostraram que o verbo negado no passado exhibe a forma -*kat-* entre a marca de negação -*na-* ou -*ana-*, e a marca de passado -*ta*, formando o elemento complexo -(*a*)*nakatta* ‘Neg.COP.PST’. Por sua vez, nos dados em (78)b, a forma -*kat-* não se realiza entre a marca de negação e a marca de tempo. Repetimos (9) abaixo como (78) para uma melhor visualização dos dados.

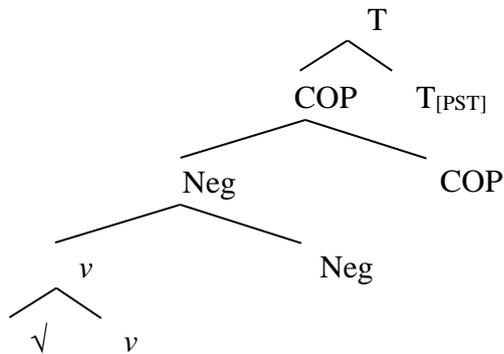
³⁵ Ito e Mester (2015), trabalhando no modelo da Teoria da Otimidade, afirmam que a alomorfia do que eles chamam de sufixos -C/V é condicionada pela sílaba, isto é, a escolha do alomorfe está sujeita à forma fonológica da raiz à qual o sufixo irá se adjungir. Uma raiz de final consonantal, como *kak-* ‘escrever’, é seguida por um alomorfe V-inicial (*kak-anai*, **kak-nai*), enquanto uma raiz de final vocálico, como *tabe-* ‘comer’, é seguida por um alomorfe C-inicial (*tabe-nai*, **tabe-anai*). Os autores contam com as restrições ONSET (requer ataque) e NOCODA (não permite coda) para determinar quais são os alomorfes escolhidos em cada contexto; a escolha do alomorfe errado acarreta a violação de uma dessas restrições, e.g., **kak-nai* viola NOCODA, e **tabe-anai* viola ONSET. O mesmo vale para os alomorfes de tempo presente que são inseridos em contextos verbais não negativos -*ru* (C-inicial) e -*u* (V-inicial).

(78) Verbos do japonês e a marca de negação sentencial *-nai*

	Verbo (negado) raiz de final vocálico <i>TABE-</i> ‘comer’	Verbo (negado) raiz de final consonantal <i>KAK-</i> ‘escrever’
a. Presente (não passado) indicativo	<i>tabe-ru</i> comer-PRS ‘come’	<i>kak-u</i> escrever-PRS ‘escreve’
b. Presente (não passado) indicativo negativo	<i>tabe-na-i</i> comer-NEG-PRS ‘não come’	<i>kak-ana-i</i> escrever-NEG-PRS ‘não escreve’
c. Passado indicativo	<i>tabe-ta</i> comer-PAST ‘comeu’	<i>kai-ta</i> escrever-PAST ‘escreveu’
d. Passado indicativo negativo	<i>tabe-na-kat-ta</i> comer-NEG-COP-PAST ‘não comeu’	<i>kak-ana-kat-ta</i> escrever-NEG-COP-PAST ‘não escreveu’

Assim, a representação em (79), em que o tempo já está definido como passado, além de receber no núcleo Neg um dos Itens de Vocabulário de (77), também receberá o Item de Vocabulário em (80), na posição de COP, e aquele em (81), para a posição de T_[PST].

(79) Morfologia do verbo negado nos tempos passado:



(80) Itens de Vocabulário para o nó terminal COP (fragmento)

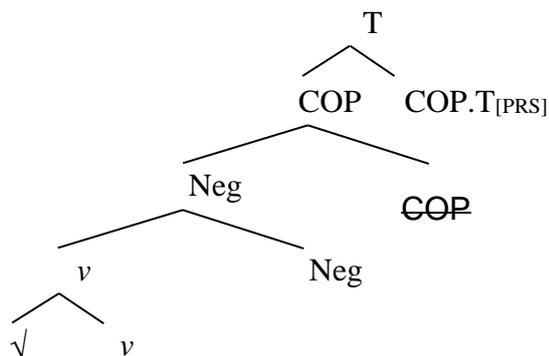
a. *-kat-* ↔ COP / [Neg-COP-PST], [A-COP-PST]

(81) Itens de Vocabulário para o nó terminal T (fragmento)

a. *-ta* ↔ PST

Por outro lado, na representação em (82), em que o tempo está definido no presente, os núcleos de COP e T_[PRS] se realizarão conjuntamente (COP.PRS), por meio de um único Item de Vocabulário, sugerindo a ocorrência de uma operação de fusão entre esses dois nós no componente pós-sintático, uma operação prevista pelo modelo da MD.

(82) Morfologia do verbo negado nos tempos passado:



Seguindo a proposta de Shibata (2015), no que diz respeito à adjacência entre os núcleos, e de acordo com o conjunto de Itens de Vocabulário em (83), o expoente *-i* é inserido no nó T nos contextos em que T seja marcado com os traços [COP.PRS] e seja adjacente à negação

[Neg]³⁶. Os Itens de Vocabulário *-ru* e *-u*, por sua vez, serão inseridos em contextos verbais não negativos, regulados pela fonologia da raiz do verbo: *-ru* para verbos com raízes terminadas em segmentos vocálicos e *-u*, para verbos com raízes terminadas em segmentos consonantais.

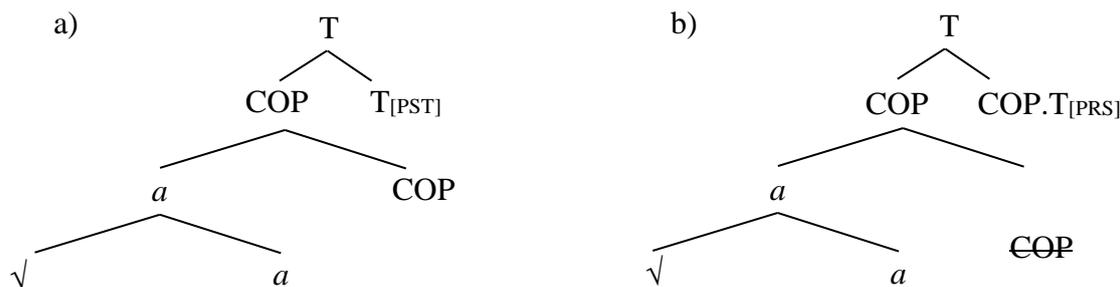
(83) Itens de Vocabulário para o nó terminal T

- a. *-i* ↔ [Neg-COP.PRS], [A-COP.PRS]³⁷
- b. *-ru* ↔ [V-COP.PRS] √TABE, √OKI, √KIE ...
- c. *-u* ↔ [V-COP.PRS] √KAK, √HASHIR, √KAER ...

Com uma análise como essa, nos desfazemos da necessidade de assumir um traço [+A] para o PMC verbal negado já que ao assumir esse traço pode-se presumir uma especificação para o PMC negado que seria [+V, +A] e não é esse o caso já que definimos que Neg é um elemento funcional e que cada item da língua pode ter apenas um traço de categoria (Adger; Svenonious, 2010).

As representações para as formas flexionadas dos adjetivos, exemplificadas, aqui, pelas formas de presente e passado, tais como (73)a,b, se constroem de modo paralelo às representações em (79) e (82) seus nós terminais vão receber os Itens de Vocabulário em (80), (81) e (83)a, de acordo com as especificações relevantes:

(84) Morfologia do adjetivo nos tempos passado e presente:



Como salientamos anteriormente, a adjacência dos núcleos é crucial para que os Itens de Vocabulário em (80) e (81), e não outros, sejam inseridos nos contextos de passado.

³⁶ *Adjacência Estrutural*: X e Y são estruturalmente adjacentes se e somente se não houver um Z fonologicamente realizado que é c-comandado por X e c-comanda Y (cf. Shibata, 2015)

³⁷ Outros contextos também são possíveis como, por exemplo, [Des-COP.PRS] que não abordamos nesse trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, partindo da descrição do japonês arcaico, vimos que o marcador de negação já apresentava uma forma nominal *-naku-* homófona à forma que a tradição japonesa chamou de infinitiva desse mesmo marcador no japonês contemporâneo. No entanto, essa forma *-naku-* segundo nossa proposta é constituída do marcador de negação *-na-* e da cópula adjetival *-ku-*, que está, essa sim, na forma infinitiva. Seguindo Frellesvig, descrevemos a forma do marcador de negação do japonês arcaico como *-(a)n-*, muito similar à forma *-(a)na-* que identificamos no japonês contemporâneo. A evidência crucial para assumirmos essa forma *-(a)na-* para o marcador de negação do japonês contemporâneo vem da observação de que o elemento *-i* de *-(a)nai* é uma cópula adjetival, uma cópula restrita que, no japonês arcaico, compartilha uma série de propriedades com o marcador de negação.

Através das relações observadas entre o marcador de negação e a cópula adjetival, pudemos concluir que o marcador de negação e a cópula adjetival podem ter se originado de um único elemento copular. Além disso, concluímos que o marcador de negação do japonês contemporâneo não possui caráter adjetival como propôs a tradição gramatical do japonês, mas compartilha com os adjetivos a cópula adjetival, elemento que é responsável pela aparente flexão adjetival do marcador de negação do japonês contemporâneo.

Posteriormente, partindo da estrutura morfológica proposta por Shibata, nós assumimos que os nós V-Neg-T formam um predicado morfológicamente complexo inseparável. A evidência para essa hipótese vem da observação de que, no japonês, a boa formação das sentenças está diretamente relacionada à impossibilidade de elementos intervenientes aparecerem entre esses nós. Em seguida, os trabalhos de Kobayashi e Fujita (2016) e de Kishimoto e Uehara (2016) trouxeram *insights* importantes para o entendimento do marcador de negação do japonês e seu suposto *status* adjetival. Nós fizemos uso dos trabalhos de Adger e Svenonius (2010) e Corbett (2012) para contestar essa atribuição de categoria adjetival ao marcador de negação do japonês e propusemos que Neg é uma projeção funcional constituída apenas pelo traço sintático-semântico Neg.

Relacionando todos esses trabalhos, nós estabelecemos uma estrutura morfológica única para os PMCs verbais com o marcador de negação (cf. (68), prevendo corretamente sua formação e podendo estender nessa linha um tratamento paralelo para os PMCs verbais e adjetivais não negativos. A conclusão a que chegamos aqui a respeito do marcador de negação é de que é possível analisarmos a formação dos PMCs que o contenham sem termos de recorrer

a alomorfes como *-nakat-* para Neg ou *-katta* para T_[PAST] no contexto da negação ou do adjetivo. Além disso, nossa análise desfaz a necessidade de postular um caráter adjetival para o marcador de negação, deixando claras as similaridades estruturais entre os verbos e adjetivos do japonês que parecem indicar, como esperado, que estes são subcategorias de uma categoria PREDICADORES da língua japonesa. Finalmente, nossa análise é um passo no caminho para o entendimento da discrepância entre a forma morfológica do marcador de negação, que se alinha à flexão de uma parte dos adjetivos do japonês, e os contextos em que os PMCs verbais do japonês podem ocupar na sintaxe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADGER, David; SVENONIUS, Peter. Features in minimalist syntax. 2010. Disponível em: <<https://ling.auf.net/lingbuzz/000825>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- ALAM, Yukiko Sasaki. A Two-level Morphological Analysis of Japanese In: JONES, Susie (ed.) Texas Linguistic Forum, v. 22, 1983. p. 229-252. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/~laurik/publications/archive/kimmo/kimmo-japanese.pdf>> Acesso em: 13 set. 2020.
- BLOCH, Bernard. Studies in colloquial Japanese I: Inflection. 1946. Journal of the American Oriental Society 66. p. 97-109. Reprinted in Roy A. Miller (ed.), 1969. Bernard Bloch on Japanese. New Haven: Yale University Press.
- BOBALJIK, Jonathan David. Distributed Morphology. 2015. University of Connecticut. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/586960e5197aea52834230a2/t/5c07fca9898583587235007f/1544027307865/DM_ORE.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.
- CAHA, Pavel. The Nanosyntax of Case. 2009. Ph. D. dissertation, University of Tromsø. Disponível em: <<https://munin.uit.no/handle/10037/2203>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- _____. Notes on insertion in Distributed Morphology and Nanosyntax. In: BAUNAZ, Lena, et al. (ed.). Exploring Nanosyntax. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 57-87.
- _____. Nanosyntax: some key features. 2019. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/1178/9e91f985a461d83a23c8940ce969870215a3.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- CHOMSKY, Noam. Some notes on economy of derivation and representation. In: FREIDIN, Robert (ed.) Principles and parameters in comparative grammar. 1991. Cambridge, MA: MIT Press, p. 417-454.
- _____. The Minimalist Program. 1995. Cambridge, MA: MIT Press.
- CHUNG, Inkie. Suppletive verbal morphology in Korean and the mechanism of vocabulary insertion. In: Journal of Linguistics, v. 45, n. 3. 2009 p. 533-567. Disponível em : <<https://doi.org/10.1017/S0022226709990028>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- COMRIE, Bernard; HASPELMATH, Martin; BICKEL, Balthasar. Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses. 2015. Disponível em: <<https://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- CORBETT, Greville G. Features. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge University Press, 2012.
- DE BELDER, Marijke. Roots and affixes: eliminating lexical categories from syntax. Netherlands, 2011.
- DE CLERCQ, Karen. The morphosyntax of negative markers. A nanosyntactic account. 2018. Master Thesis. Ghent University.
- _____. Tense and sentential negation: a typological perspective. 2020. Disponível em: <<https://ling.auf.net/lingbuzz/005278>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- _____. Negation in Morphology. In: Oxford Research Encyclopedia of Linguistics. 2020.
- DE CLERCQ, Karen; VANDEN WYNGAERD, Guido. Why affixal negation is syntactic. In: 34th West Coast Conference on Formal Linguistics. Cascadilla Proceedings Project, 2017. p. 151-159.
- _____. Negation and the functional sequence. Natural Language & Linguistic Theory, v. 37, n. 2, 2019. p. 425-460.
- DÉCHAINED, Rose-Marie. Predicates Across Categories. 1993. Ph. D. dissertation – University of Massachusetts, Amherst.
- EMBICK, David. Localism versus Globalism in Morphology and Phonology. University of Pennsylvania, 2009. Disponível em: <https://babel.ucsc.edu/~hank/mrg_readings-/Embick-10.pdf> Acesso em: 13 set. 2020.

- _____. The morpheme: A theoretical introduction. Germany: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2015.
- EMBICK, David ; NOYER, Rolf. Movement operations after syntax. In: *Linguistic Inquiry*, v. 32, 2001. p. 555-595.
- _____. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND, G.; REISS, C. (ed.) *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 289-324. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/228346943_Distributed_Morphology_and_the_Syntax-Morphology_Interface>. Acesso em: 13 set. 2020.
- ERMISCH, Sonja. The structure of Bambara. 2013 Disponível em: <https://user.uni-frankfurt.de/~tezimmer/HP_FGReIS/PDF/The%20Structure%20of%20Bambara_Handout_Budapest%20Mai%202013.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.
- FÁBREGAS, Antonio. Theme vowels are verbs. In: *Rivista di Grammatica Generativa*, v. 39, 2017. Disponível em: <<https://lingbuzz.com/j/rgg/2017/>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- FRELLESVIG, Bjarke. A history of the Japanese language. Cambridge University Press, 2010.
- GIANNAKIDOU, Anastasia. Negative ... Concord? In: *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 18, n. 3, 2000. p. 457-523. Disponível em: <<http://home.uchicago.edu/giannaki/pubs/nlt2000.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- GJESVOLD, Nils Christian. Only a little polite? A review and analysis on the use of the 'semi-polite' nai desu in modern Japanese. 2014. Master thesis – University of Oslo, Norway. Disponível em: <<http://urn.nb.no/URN:NBN:no-47416>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (eds.) *The view from Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993. p. 111-176. Disponível em: <<http://web.mit.edu/morrishalle/pubworks/>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- _____. Some Key Features on Distributed Morphology. In: CARNIE, A.; HARLEY, H.; BURES, T. (eds.) *Papers on Phonology and Morphology*, v. 21. Cambridge, MA: MIT Papers in Linguistics MITWPL, 1994. p. 275-288. Disponível em: <<http://web.mit.edu/morrishalle/pubworks/>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- HARLEY, Heidi. The importance of impoverishment. 2004. University of Texas, Arizona. Disponível em: <<http://dingo.sbs.arizona.edu/~hharley/PDFs/HarleyPhiWkshp1Up.pdf>> Acesso em: 13 set. 2020.
- _____. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics* 40 (3/4): 2014. p. 225-276. Disponível em: <<http://heidiharley.com/pubs/on-the-identity-of-roots-2/>> Acesso em: 13 set. 2020.
- HASHIMOTO, Shinkichi. Hashimoto Shinkichi hakase chosaku-shû: joshi jodôshi no kenkyû kôgi-shû dai 3. Tóquio: Iwanamishoten, 1969.
- HORN, Laurence Robert. *A Natural History of Negation*. 1989. Chicago: The University of Chicago Press.
- JESPERSEN, Otto. *Negation in English and other Languages*. Copenhagen: A. F. Høst. 1917.
- _____. *Chapters on English*. London: George Allen & Unwin. 1918. Disponível em: <<http://www.archive.org/stream/chaptersonenglis00jesprich>>. Acesso em: 13 set. 2020
- ITO, Junko ; MESTER, Armin. *Japanese Morphophonemics: Markedness and Word Structure*. MIT Press, Cambridge, MA. 2013.
- _____. (2015). Word Formation and Phonological Processes. In: KUBOZONO, H. (Ed.) *Handbook of Japanese Phonetics and Phonology*. Germany: de Gruyter, 2015. p. 506-545.
- KAGEYAMA, Taro; KISHIMOTO, Hideki. Introduction. In: KAGEYAMA, Taro; KISHIMOTO, Hideki (ed.). *Handbook of Japanese lexicon and word formation*. Germany: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2016. p. 1-8.
- KATO, Yasuhiko. Negative Sentences in Japanese. In: *Sophia Linguistica*, n. 19. 1985.

- KATAOKA, Kiyoko. *Nihongo Hiteibun no Kōzō: Kakimazebun to Hitei Koō Hyōgen*. Tōkyo: Kuroshio Shuppan, 2006.
- KAWAGOE, Itsue. The phonology of sokuon, or geminate obstruents. In: KUBOZONO, H. (Ed.) *Handbook of Japanese Phonetics and Phonology*. Germany: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2015. p. 103-149.
- KAWAI, Michiya. Verbal morphology of Japanese and head movement. In: *Proceedings of the 2008 annual conference of the Canadian Linguistic Association*. 2008. Disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~cla-acl/actes2008/CLA2008_Kawai.pdf> Acesso em: 13 set. 2020.
- KISHIMOTO, Hideki. Negative scope and head raising in Japanese. In: *Lingua*, 117, 2007. p. 247-288. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.lingua.2006.01.003>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- _____. On the variability of negative scope in Japanese. In: *Journal of Linguistics* 44, 2008. p. 379-435. Disponível em: <<https://doi.org/10.1017/S0022226708005161>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- _____. Verbal complex formation and negation in Japanese. In: *Lingua*, 135, 2013. p. 132-154. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.lingua.2012.11.007>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- KISHIMOTO, Hideki; UEHARA, Satoshi. Lexical Categories In: KAGEYAMA, Taro; KISHIMOTO, Hideki (ed.). *Handbook of Japanese lexicon and word formation*. Germany: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2016. p. 51-91.
- KLIMA, Edward Stephan. Negation in English. In: FODOR, J. A. & KATZ, J. *The Structure of Language. Readings in the Philosophy of Language*. Englewoods Cliffs, NJ: Prentice-Hall. 1964. p. 246-323.
- KOBAYASHI, Ryoichiro; FUJITA, Gen. Neg-raising is an Illusion: Japanese Verbal Complex Formation in Distributed Morphology. In: 8th Meeting of Formal Approaches to Japanese Linguistics (FAJL8), Mie, Japan. *Online Posters...* Mie: University of Mie, 2016. Disponível em: <<http://faculty.human.mie-u.ac.jp/fajl8/program.html>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- KUBOZONO, Haruo. Loanwordphonology. In: KUBOZONO, H. (Ed.) *Handbook of Japanese Phonetics and Phonology*. Germany: de Gruyter, 2015. p. 445-505.
- KUDO, Mayumi. Hitei to Koō Suru Fukushi o Megutte: Jittai Chōsa kara. In: *Memoirs of the Faculty of Literature, Osaka University*, v. 39, 1999. p. A69-A107. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11094/4002>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- _____. Kare wa Kaze kurai de wa Yasumanai yo : Hitei no Sukōpu to Shōten. In: *Gengo*, v. 29, n. 11, 2000. p. 38-44.
- KUNO, Susumu. *Shin nihon bunpoo kenkyuu 'New Japanese grammar study'*. Tokyo: Taishakukan, 1983.
- KURODA, Shige-Yuki. Some recent issues in linguistic theory and Japanese syntax. Department of Linguistics, University of Arizona. *Coyote Papers*, v. 2, 1981. p. 103-122
- LAKA, Itziar. *Negation in Syntax: on the Nature of Functional Categories and Projections*. 1990. Tese de Doutorado, MIT.
- LIEBER, Rochelle. *Introducing Morphology*. Cambridge University Press, 2009.
- MARANTZ, Alec. Clitics, morphological merger, and the mapping to phonological structure. In: HAMMOND, Michael ; NOONAN, Michael (ed.) *Theoretical morphology: Approaches in modern linguistics*. San Diego: Academic Press, 1998. p. 253-270.
- _____. No Escape from Syntax: Don't try Morphological Analysis in the privacy of your own Lexicon. In: DIMITRIADIS, L. S.; SUREK-CLARK, C.; WILLIAMS, A. (orgs.) *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*, v. 4, n. 2, 1997. p. 201-225.
- MIESTAMO, Matti. Negation – An Overview of Typological Research. In: *Language and Linguistics Compass* 1, 2007a. p. 552-570. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1749-818X.2007.00026.x>>. Acesso em: 13 set. 2020.

- _____. On the Complexity of Standard Negation. In: A man of measure : Festschrift in Honour of Fred Karlsson on His 60th Birthday, Turku: Linguistic Association of Finland. 2007b. p. 345-356. Disponível em <http://www.linguistics.fi/julkaisut/sky2006_special.shtml> Acesso em: 13 set. 2020.
- MIYAGAWA, Shigeru. Complex Verbs and the Lexicon. 1980. Ph. D. dissertation – University of Arizona. Disponível em: <<https://repository.arizona.edu/handle/10150/215609>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- MORITA, Chigusa. Negative Predicates in Japanese. 2005 Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/255060674_NEGATIVE_PREDICATES_IN_JAPANESE>. Acesso em: 13 set. 2020.
- NARAHARA, Tomiko. The Japanese Copula: Forms and Functions. New York: Palgrave Macmillan, 2002.
- NISHIOKA, Nobuaki. Quantifiers And Negation In: English Linguistics, 21, 2004. p. 323-347. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/elsj1984/21/2/21_2_323/pdf>
- _____. Expressions that contain negation. In: SHIBATANI, Masayoshi; MIYAGAWA, Shigeru; NODA, Hisashi (Eds.) Handbook of Japanese Syntax. Germany: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2017. p. 635-662.
- NISHIYAMA, Kunio. Adjectives and the copulas in Japanese. Journal of East Asian Linguistics, v. 8, n. 3, 1999. p. 183-222. Disponível em: <<https://doi.org/10.1023/A:1008395915524>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- NÓBREGA, Vitor Augusto. Tópicos em composição: estrutura, formação e acento. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- NYBERG, Joacim. Negation in Japanese. 2012. Master thesis, Stockholms Universitet, Sweden. Disponível em: <<http://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:su:diva-78395>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- PEDROSO, Jorge Willian; SCHER, Ana Paula. Observações sobre o marcador de negação do japonês no predicado morfologicamente complexo. Revista do GELNE. 2021.
- PENKA, Doris. Negative Indefinites. 2007. Tese de Doutorado, Universität Tübingen.
- PEREIRA, Rui Abel. Formação de Verbos. In: RIO-TORTO, G. et al. (coords.) Gramática derivacional do Português. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 297-355.
- RAPOPORT, Tova Rebecca. Copular, Nominal, and Small Clauses: A Study of Israeli Hebrew. 1987. Ph. D. dissertation – MIT.
- RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN L. (eds) Elements of grammar. Kluwer International Handbooks of Linguistics. Springer, Dordrecht, 1997. p. 281-337. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-94-011-5420-8_7>. Acesso em: 13 set. 2020.
- SAITO, Mamoru. Optional A-scrambling. In Japanese/Korean Linguistics, Vol. 16, ed. by Yukinori Takubo, Tomohide Kinuhata, Szymon Grzelak, and Kayo Nagai, 2009a. p. 44–63. Stanford: CSLI Publications.
- SAITO, Mamoru. On the scope properties of nominative phrases in Japanese. In Proceedings of the 7th GLOW in Asia Conference, ed. by Rajat Mohanty and Mythili Menon, 2009b. p. 313–333. Hyderabad: EFL University Press.
- SANDALO, M. F. Morfologia. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Ed.). Introdução à lingüística. São Paulo: Cortez, 2001.
- SANDMANN, A. J. Morfologia Lexical. São Paulo: Contexto, 1990.
- SHIBATA, Yoshiyuki. Negative Structure in Japanese In: University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics: v. 20, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://repository.upenn.edu/pwpl/vol20/iss1/31>>. Acesso em: 13 set. 2020.

- _____. Exploring Syntax from the Interfaces. 2015. Ph. D. dissertation – University of Connecticut. Disponível em: <<https://opencommons.uconn.edu/dissertations/910/>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- SHIBATANI, Masayoshi; KAGEYAMA, Taro. Introduction In: SHIBATANI, Masayoshi; MIYAGAWA, Shigeru; NODA, Hisashi (Eds.) Handbook of Japanese Syntax. Germany: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2017. p. vii-xxix.
- SPENCER, Andrew. Negation in Japanese: A case of morphosyntactic mismatch. In: *Lingua*, v. 118, n. 7, 2008. p. 997-101. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0024384107000976>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- _____. Manufacturing consent over Distributed Morphology. *Word Structure*, v. 12, n. 2, 2019. p. 208-259. Disponível em: <<https://doi.org/10.3366/word.2019.0146>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- STARKE, Michal. Nanosyntax: A short primer to a new approach to language. *Nordlyd*, v. 36, n. 1, 2009. p. 1-6. Disponível em: <<https://septentrio.uit.no/index.php/nordlyd/article/view/213>>. Acesso em: 20 mai. 2020.
- _____. Towards elegant parameters: Language variation reduces to the size of lexically stored trees. Transcript from a talk at Barcelona Workshop on Linguistic Variation in the Minimalist Framework. 2011 Disponível em: <<http://ling.auf.net/lingBuzz/001183>>. Acesso em: 20 mai. 2020.
- _____. Complex left branches, spellout, and prefixes. In: BAUNAZ, Lena, et al. (ed.). *Exploring Nanosyntax*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 239-249.
- SUZUKI, Ryoko; THOMPSON, Sandra A. Beyond dichotomies and continua?: an interactional approach to the grammar of clause combining in Japanese In: *Language Sciences*, v. 58, 2016. p. 35-50. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0388000116300213>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- TAKEZAWA, Koichi. Inflection In: KAGEYAMA, Taro; KISHIMOTO, Hideki (ed.). *Handbook of Japanese lexicon and word formation*. Germany: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2016. p. 459-488.
- TUBAU, Susagna. Negative concord in English and Romance: Syntax-morphology interface conditions on the expression of negation. 2008. Tese de Doutorado, Netherlands Graduate School of Linguistics. Disponível em: <http://www.lotpublications.nl/Documents/187_fulltext.-pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.
- URUSHIBARA Saeko. Syntactic Categories and Extended Projections in Japanese. 1993. Ph. D. dissertation – Brandeis University. TAGAWA, Takumi (2018). Keitai riron to shite no bunsan keitairon (4): Epenthesis. ‘Morphology Theory, Distributed Morphology (4): Epenthesis’. In: Keitai riron kenkyuu-kai dai 4 kai ‘4th Conference of Research in Morphology’, Waseda University, Japan. Disponível em: <http://otoguro.sakura.ne.jp/wisli/files/tagawa_mt21-4.pdf>. Acesso em: 15/12/2019.
- VOLPE, Mark. Honorifics in Japanese: A Distributed Morphology approach to their morphology. 2009. Disponível em: <<https://ling.auf.net/lingbuzz/000520>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- WATANABE, Akira. The Genesis of Negative Concord: Syntax and Morphology of Negative Doubling. In: *Linguistic Inquiry*, v. 35, n. 4, 2004. p. 559-612. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4179296>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- YATABE, Shuichi. Negation and focusing in the grammar of Japanese In: GUNJI, Takao (ed.), *Studies on the Universality of Constraint-Based Phrase Structure Grammars*, 1996. p. 217-225. Disponível em: <<http://phiz.c.u-tokyo.ac.jp/~yatabe/negation.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2020.
- YAMADA, Yoshio. Heianchô Bunpôshi. Tóquio: Hobunkan, 1952.
- _____. Narachô Bunpôshi. Tóquio: Hobunkan, 1954.

- ZANUTTINI, Raffaella. *Syntactic Properties of Sentential Negation: A Comparative Study of Romance Languages*. Philadelphia: Pa University of Pennsylvania Press, 1991.
- ZEIJLSTRA, Hedzer Hugo. *Sentential Negation and Negative Concord*. 2004. Tese de Doutorado, Netherlands Graduate School of Linguistics. Disponível em: <http://www.lotpublications.nl/Documents/101_fulltext.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.